

AG EN DA

MÉRTOLA CULTURA

2020
julho
agosto
setembro



índice	3. editorial
	4. destaques
	22. teatro & cinema
	24. música & dança
	26. exposições
	36. mértola, património de todos
	38. museu & arquivo

52. biblioteca
58. a propósito de...
60. arquiteturas
64. mãos e manualidades
66. aula aberta
74. passa a palavra
78. sociedade recreativa
80. gastronomia e mercados
86. vá para fora cá dentro



Rosinda Pimenta
Vereadora da Câmara Municipal de Mértola

Vivemos tempos difíceis e, não vos falo do problema sanitário já sobejamente abordado por muitos, falo do medo. De como ele chegou e se foi (e vai) instalando.

E o medo, não se enganem, pode ser a mais dominante força que uma sociedade democrática pode enfrentar!

Submergidas nesta espécie de pânico social latente - alimentado até à exaustão pelo alarmismo das redes sociais e comunicação social - as pessoas tornaram-se vulneráveis, permeáveis às opiniões e aos juízos de *pseudo-pandemia-especialistas*, expeditas no julgamento sumário do Outro, desconfiadas, crenças nesta visão apocalíptica das coisas que, a pouco e pouco, nos vai deixando vazios de empatia e compreensão por esse Outro, principalmente, se vier de fora ou não for um exemplo do obediente e fiel seguidor dessa máxima doutrina do medo. O medo hiperbolizado controla, paralisa a ação e o pensamento livre.

Ancora-se a maior parte das vezes, na desinformação, no receio do desconhecido e não raro, expõe uma dissimulada xenofobia ou preconceito em relação à diferença (de nacionalidade, de raça, de etnia, de geração e por aí fora). Explora a vulnerabilidade das pessoas e grupos e alimenta o desígnio de sermos salvos. E em momentos de pretensa aflição, somos pouco criteriosos na escolha do salvador.

Num quotidiano de perfeito “nonsense”, da desinformação indutora do medo, proliferam os moralistas e messiânicos do costume a proclamar profecias de absoluta catástrofe, aguardando, impacientes a sua concretização, para enfim vencedores, clamarem o tão fastidioso e moralizador “Eu avisei!”

Com tudo isto, diga-se: é importante continuarmos a ser prudentes nas ações do nosso quotidiano, é importante que respeitemos as regras de higiene, de afastamento social e boa conduta respiratória para prevenção do contágio do vírus já amplamente divulgadas; mas é igualmente importante que não deixemos o medo escurecer a nossa existência, taldar a nossa razão e bom senso ou ameaçar a nossa consciência social. Porque, entretanto, à nossa volta continuam a proliferar muitas outras pandemias a que parecemos estar absolutamente alheios.

A propósito do medo, deixo-vos este poema de Alexandre O’Neill.

O poema pouco original do medo

Alexandre O’Neill

*O medo vai ter tudo
pernas
ambulâncias
e o luxo blindado
de alguns automóveis*

*Vai ter alhos onde ninguém os veja
mãozinhas cautelosas
enredos quase inocentes
ouvidos não só nas paredes
mas também no chão
no tecto
no murmúrio dos esgotos
e talvez até (cautela!)
ouvidos nos teus ouvidos*

*O medo vai ter tudo
fantasmas na ópera
sessões contínuas de espiritismo
milagres
cortejos
frases corajosas
meninas exemplares
seguras casas de penhor
maliciosas casas de passe
conferências várias
congressos muitos
óptimos empregos
poemas originais
e poemas como este
projectos altamente porcos
heróis
(o medo vai ter heróis!)
costureiras reais e irreais
operários
(assim assim)
Escriturários*

*(muitos)
Intelectuais
(o que se sabe)
a tua voz talvez
talvez a minha
com certeza a deles*

*Vai ter capitais
países
suspeitas como toda a gente
muitíssimos amigos
beijos
namorados esverdeados
amantes silenciosos
ardentes
e angustiados*

*Ah o medo vai ter tudo
tudo*

*(Penso no que o medo vai ter
e tenho medo
que é justamente
o que o medo quer)*

*O medo vai ter tudo
quase tudo
e cada um por seu caminho
havemos todos de chegar
quase todos
a ratos*

*Sim
a Ratos.*

Um bom verão para todos e todas, com saúde e com boa Cultura por companhia!

A microphone on a stand is positioned on the left side of the frame. The background is dark with wisps of smoke or fog. The text 'DES' is written in large, white, bold, sans-serif capital letters, positioned above a horizontal yellow line.

DES

TAO

UES

À CULTURA REINVENTADA

Em tempos de pandemia, o setor da Cultura foi, e continua a ser, um dos mais afetados. Artistas, técnicos, agentes e operadores culturais viram-se de um dia para o outro privados dos palcos, das luzes, do som e do bater das palmas do seu público. Viram-se de um dia para o outro privados do seu sustento e ganha-pão e sem perspectivas no horizonte. Apesar das muitas dificuldades, há histórias de resiliência, de pessoas e organizações que se reinventaram e que persistiram no seu caminho de fazer chegar a Cultura até nós.

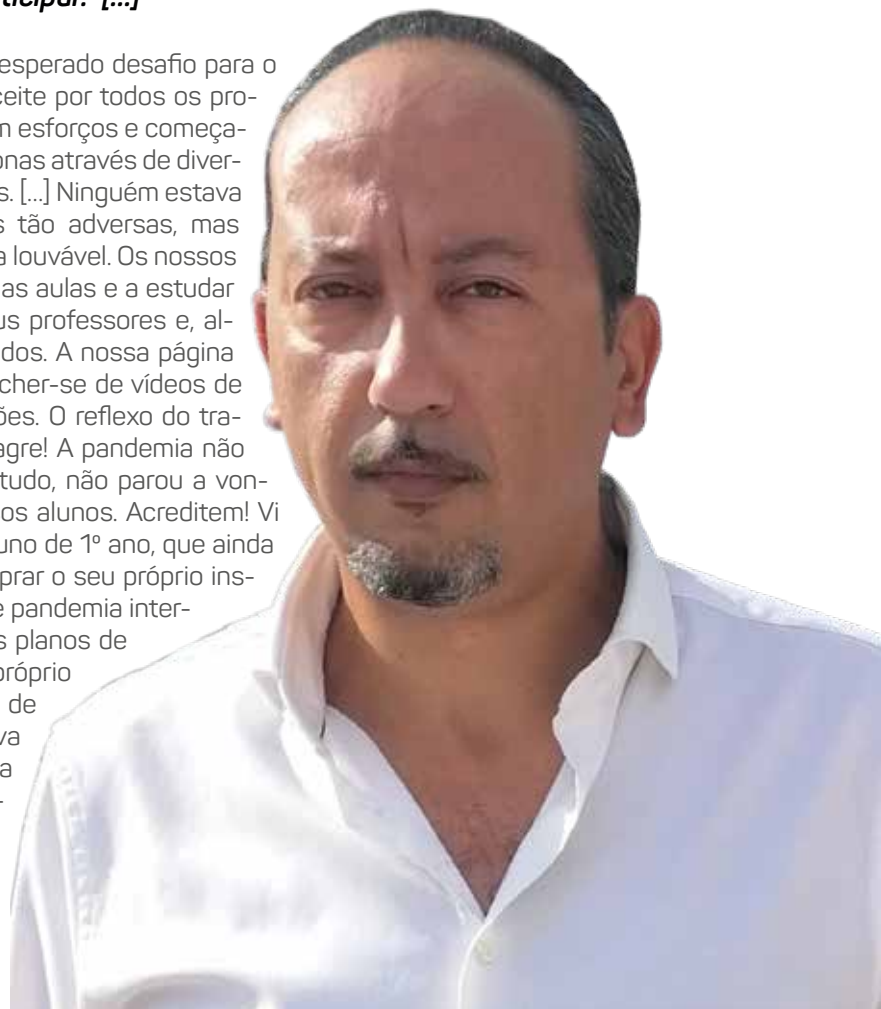
Mauro Dilema

[Beja] Músico | Diretor Executivo do Conservatório Regional do Baixo Alentejo.

No dia 10 de março enviava a todos os funcionários do CRBA uma circular onde informava da suspensão de todas as atividades extracurriculares e artísticas do Conservatório. Infelizmente, poucos dias passados, no dia 16, seguia uma nova circular na qual decretei o encerramento de todas as instalações e suspensão das atividades letivas presenciais. Foi uma decisão extremamente difícil. A mais difícil de tomar durante o meu mandato como diretor da escola. Tinha a esperança de que a situação pudesse rapidamente melhorar, mas a grande incerteza que envolvia todo o processo, sobretudo a falta de informação por parte da tutela, obrigou todos os elementos da direção (pedagógica e executiva) a uma intensa atividade de reuniões online, nas quais eram analisados os diferentes cenários de forma a adaptá-los à evolução da situação pandémica. Foram implementadas regras e procedimentos à medida que iam surgindo indicações das autoridades da saúde, e que integraram o nosso primeiro plano de contingência. Apesar da suspensão das aulas presenciais, era necessário criar uma estrutura alternativa de ensino e, sobretudo, ligar, ajudar e acompanhar os nossos alunos ao nosso ensino e à nossa escola.

"...Como Diretor de um Conservatório, e como músico, sei perfeitamente que uma aula à distância nunca substituirá uma aula de instrumento ou de dança presencial. Não importa como, nem quando, mas é fundamental não perder o contacto com os alunos. Numa situação cuja tendência é agravar-se nos próximos dias, devemos manter o contacto com os alunos e eles perceberem que podem (e devem) manter o contacto com os seus professores. Trata-se, por isso, de um exercício de cidadania responsável, onde todos, escola, alunos, pais, encarregados de educação, tem o seu papel e são chamados a participar." [...]

Começava assim um novo e inesperado desafio para o CRBA, desafio prontamente aceite por todos os professores que reagiram, reuniram esforços e começaram a fazer as suas aulas síncronas através de diversos meios e plataformas digitais. [...] Ninguém estava preparado para circunstâncias tão adversas, mas todos se empenharam de forma louvável. Os nossos alunos continuaram a ter as suas aulas e a estudar todas as semanas com os seus professores e, alguns, com resultados inesperados. A nossa página de facebook começou a preencher-se de vídeos de alunos, em conjunto, de audições. O reflexo do trabalho de todos. Quase um milagre! A pandemia não parou a nossa escola e, sobretudo, não parou a vontade e determinação dos nossos alunos. Acreditem! Vi coisas incríveis: vi e ouvi um aluno de 1º ano, que ainda não teve oportunidade de comprar o seu próprio instrumento (porque a situação de pandemia interrompeu de forma imprevista os planos de aquisição), construir o seu próprio instrumento com um pedaço de mangueira e um funil. Ele tocava neste instrumento, uma escala (com tonalidade muito aproximada) como se tocasse num instrumento verdadeiro. Foi emocionante e comovente



Todos os alunos são essenciais neste momento, e acreditamos que a música e a dança são, e serão no futuro próximo, essenciais para combater o isolamento, assim como para manter a harmonia de espírito de quem faz arte e a partilha com a comunidade.

É socialmente e artisticamente interessante perceber como esta situação conseguiu desenvolver mais capacidades nos nossos alunos. Efetivamente, com esta mudança súbita nas suas vidas, perderam o contato social com os amigos, ficaram confinados em casa e impedidos de fazer livremente as mais variadas atividades. Mas ganharam algo muito importante: o tempo. Tiveram mais tempo para estudar, tiveram o apoio constante da família

Não podemos esquecer que no dia-a-dia pais e filhos correm sobre carris paralelos e raramente se cruzam. Esta situação acabou por ser uma oportunidade de todos estarem mais unidos e presentes: alunos, pais e escola..

[...] Dias depois de fechar as instalações, e consequentemente interromper as aulas presenciais, docentes e alunos estavam online a iniciar o processo de adaptação aos novos formatos de ensino.

[...] O compromisso do Conservatório Regional do Baixo Alentejo, perante os seus alunos e respetivos encarregados de educação não ficou comprometido. O CRBA

assumiu a sua responsabilidade social, assegurando a continuidade de ensino numa altura em que o Governo decidiu retomar as aulas presenciais para os 11º e 12º anos. Não tínhamos qualquer obrigação legal de abrir as instalações, porque as disciplinas lecionadas no Conservatório não são objeto (matéria) de exame. Mas não nos poderíamos afastar do nosso principal objetivo: formar músicos. Nesse sentido, implementámos no início de maio medidas de proteção em todas as instalações, fornecemos os nossos funcionários todo o equipamento de proteção necessário para garantir as melhores condições de segurança para eles e para os alunos da nossa instituição. Fizemos uma rápida formação dos mesmos por forma a agir sempre com a máxima segurança e consciência. Abrimos as portas da nossa escola e garantimos aos nossos alunos finalistas todas as condições para terem aulas presenciais com os seus professores: cada aluno teve uma sala exclusiva para poder estudar todos os dias e aulas semanais. [...] Resultado: os nossos alunos finalistas (que completaram todo o percurso de estudos no CRBA) fizeram este ano os concursos locais de acesso ao ensino superior com ótimos resultados. Entraram todos, alguns deles nos primeiros lugares (ESML, Metropolitana, Instituto Superior de Castelo Branco e Universidade Évora).

Temos quase 100 candidatos (o número é objeto de atualização) prontos a prestar provas para começar um novo per-

curso no Conservatório Regional do Baixo Alentejo. A pandemia? Não travou a vontade de estudar música e dança e o resultado é demonstrado pela confiança que todos os Encarregados de Educação e parceiros depositam na nossa instituição.

Neste momento, enquanto redijo este artigo, encerramos o terceiro e último período deste que foi um ano letivo atípico, que se veio a revelar uma verdadeira epopeia, e onde os vencedores absolutos foram os nossos alunos.

Podia continuar, com o meu entusiasmo que nem a pandemia conseguiu apagar, a escrever sobre outras tantas experiências que aconteceram durante estes últimos três meses, mas acredito que há uma forma mais eficiente de o fazer, através da nossa página <https://www.facebook.com/crbaixoalentejo>, onde todos podem ver o resultado da força de vontade e do querer dos nossos alunos e professores.

O meu profundo agradecimento a todos.

Filipe Abreu

[Lisboa] Ator | Cepa Torta | Companhia de Teatro

O grande impasse que a pandemia trouxe ao teatro foi a impossibilidade do encontro físico entre quem olha e quem é olhado. Perguntamo-nos se podemos procurar novas formas de encontro através de ferramentas digitais, ou novas formas de expressão teatral que antes não exploráramos. Responde-me uma voz cá dentro que, quando falamos de teatro, de atores e de espetadores, gostamos de falar de proximidade – de um encontro tão profundo que por vezes sincroniza corações. Haverá algo de mais mágico no teatro do que essa relação? Serei eu capaz de provocar encontros que valham a pena numa vídeo-chamada, ou vídeo caseiro?

Nos últimos meses privei-me das expressões artísticas nas redes sociais ou plataformas de streaming, recusei-me a reinventar-me a curto prazo e decidi investir na arte que procuro (e espero) voltar a fazer no futuro: facilitar um lugar de encontro profundo, estranho e envolvente entre pessoas, lugares, memórias, sensações... A cultura reinventou-se em mim pelo tempo, experiência e crise interna que a paragem me trouxe.

A cultura reinventou-se encontrando ou consolidando valores, objetivos e interesses. E entre muito desconsolo, muita preocupação com os milhões que viram (até bem mais que eu) as suas vidas viradas do avesso, entre burocracias, candidaturas e tantos outros afazeres que estes estranhos tempos me trouxeram, impunha-se a aterradora pergunta, «Quando e como voltaremos a fazer teatro?». Não sei. Nunca cheguei a saber.

Entretanto, numa companhia de teatro como a Cepa Torta, pensa-se e procura-se organizar o futuro: as leituras do "Esta noite grita-se" reagendam-se para Outubro, altura em que também estreará o espetáculo "Nunca Visto", criado com habitantes de Marvila (Lisboa) e a idealização de um conjunto de atividades artísticas a desenvolver na, com e para a Mina de S. Domingos, a convite da CMM, a quem muito agradeço o interesse e confiança.





Se o bicho nos impede de muita coisa, não evitou que conhecesse a Mina e os seus habitantes, nem de imaginar vidas e espetáculos que nos reencontrem num futuro breve.

Rita Sales

[Mértola] artista | contadora de histórias | educadora

Trabalhar em arte e cultura envolve, para mim, colocar em jogo competências como a imaginação, a fantasia, a criatividade e a inventiva. Bruno Munari, artista italiano, no seu livro *Fantasia*, refere-se à articulação de cada uma destas faculdades na comunicação visual, mas o seu trabalho ultrapassa o território das artes visuais. Munari, artista multifacetado, pedagogo, investigador e filósofo, influencia outras áreas e práticas artísticas, nomeadamente, aquelas desenvolvidas por artistas implicados socialmente, como é o meu caso.

Tendo consciência de que pertence já ao meu fazer artística a apropriação de princípios como a experimentação, a aprendizagem e as relações de interdependência com o contexto em que me integro, sei que quando concebo - ou invento - um trabalho artístico ele passará, necessariamente, por um processo de reinvenção. Assim acontece quando se pretende criar experiências artísticas que envolvam a participação de outras pessoas ou entidades.

Ainda assim, apesar de algum tempo a exercitar a flexibilidade, a cooperação, a improvisação e a resiliência, a chegada de uma pandemia alterou o modo como habitualmente reajo a situações imprevisíveis. Se antes o caminho era sempre o do fazer, mesmo que com recuos, sprints, atrasos, desvios ou saltos para a frente, desta vez escolhi parar.

Sendo certo que a pandemia obrigou à suspensão, de um momento para o outro, de todas as actividades com pessoas ou grupos, nomeadamente, as educativas, artísticas e comunitárias, rapidamente observámos como várias destas acções passaram para o ambiente virtual e digital. No meu caso escolhi parar e foi essa a forma que encontrei para repensar o trabalho que venho desenvolvendo.

Num primeiro momento, ao dar por mim a reflectir e procurar perceber a magnitude do impacto que sentia, como todas as pessoas, na minha vida pessoal e profissional, apercebo-me da enorme implicação da imposição do distanciamento físico: o isolamento social, cultural e comunitário; e como não há ambiente digital que ocupe o lugar da proximidade entre as pessoas, sobretudo daquelas que já antes viviam isoladas e que não dominam as tecnologias de informação.

E aqui começa a reinvenção.

Se é necessário fornecer bens de primeira necessidade às pessoas mais vulneráveis, é igualmente importante garantir que estas continuam a ter acesso à arte, à cultura e à vivência comunitária, promovendo o seu bem-estar e a manutenção das próprias comunidades.

E assim surge o projecto *De Boca em Boca - Histórias a nutrir Comunidades*, em colaboração com Pedro Faria Bravo, na escrita, e Marlene Aldeia, na disseminação, desenvolvido em parceria com a CMM. Uma iniciativa que surge de uma ideia - a de que nos alimentamos também de arte e cultura - da qual decorrem os *Contos ao Largo*, momentos de partilha de histórias destes e de outros tempos.

De Boca em Boca, pode soar a provocação, mas não é. Pode amedrontar, em tempos em que nos encontramos à distância e amordaçados, mas esperamos que não afaste, pelo contrário, que aproxime. É simplesmente o sonho de voltarmos a escutar ao perto, é a vontade de continuarmos a recontar as nossas vidas, é o desejo de nunca nos esquecermos de reinventar o mundo.

Nota: Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico.



O vento sopra leve e faz agitar as canas no quintal. O meu horizonte são os muros e as copas das árvores por detrás deles, a casa em ruínas ao fundo. A coroar tudo, um céu azul triunfante que ignora o que se passa cá na terra. Estes foram os limites do meu reino durante três meses, até há poucas semanas. Eu, que não me lembro nunca de ter passado mais que meia dúzia de dias no mesmo sítio. Eu, que faço morada no peito do meu amor, já que o mundo é a minha casa... E aqui ainda estamos. Uma pandemia global que nos remete ao local. Que nos obriga não a fugir mas a ficarmos quietos, a nos tornarmos mais familiares com as nossas paredes. Não tem sido fácil, mas também não digo que tem sido impossível.

Celina da Piedade

[Beringel] Acordeonista| Cantora| Compositora.



Para os músicos as portas (reais) fecharam-se: os largos despiram-se de gente, as salas de espectáculos tornaram-se estéreis de vida, e recolhidos nas nossas tocas restou-nos abrir a única grande janela possível- a do mundo digital.

E com ela, reinventar-nos. Que fique claro: este era já há muito um processo em curso. O consumo de conteúdos online já vem transformando a música há muitos anos. Revirou por completo a indústria discográfica e cada vez mais tem exigido aos artistas que ali estejam continuamente presentes, seja nas plataformas digitais ou nas redes sociais, alimentando esse monstro ávido de novidades.

Tendo sido para mim até agora algo mais próximo de um compromisso próprio da profissão, essa via virtual revelou-se na quarentena como a única ponte para chegar aos outros. E recorrer a ela tornou-se tão natural quanto querer sobreviver a uma tempestade. Logo que nos obrigaram a ficar em casa começaram a surgir as iniciativas online- concertos, directos, conversas, aulas, webinars.

E eu abracei a maré, como tanta gente à minha volta, para dar resposta aos desafios que foram surgindo, e também na esperança de minorar os danos, talvez até encontrar algo de renovador e positivo num momento tão grave... Fiz o meu primeiro concerto online uma semana depois de estar em casa, acompanhada pela minha incrível companheira e violinista Ana Santos - sorte a nossa que em casa somos duas a fazer música!

O confinamento fechou-nos, mas não nos cortou as asas: seguiram-se outros concertos a convite de Festivais e plataformas online, aulas semanais de Danças do Mundo com a grande professora de dança Mercedes Prieto - ela na Galiza, a ensinar, eu no Alentejo, a tocar- e com alunos em diferentes pontos do globo, mais de uma dezena de vídeos para o projecto Cante nas Escolas (C.M. Beja), onde sou professora - e um deles, "Não te faças coradinha", a resultar num desafio nas redes sociais a que chamei #challengecoradinha, com o alcance surpreendente de mais de sessenta contribuições- que me deixou obviamente com um sorriso nos lábios e borboletas no estômago durante semanas a fio!

Destaco ainda desse rol de aventuras digitais um convite da C.M. de Mértola, que nos pôs a criatividade em ebulição e fez nascer

um arranjo inédito para a moda do cancionero local "As cobrinhas d'água", recolhida nos anos 60 no Pomarão, combinado com o tema "Tricot", uma composição original de Ana Santos. Um trabalho que podem ouvir no Facebook do Município

O futuro... será ele irremediavelmente digital? Não sabemos. Mas espero francamente que não e que em breve possamos partilhar a nossa arte olhos nos olhos, que voltemos a praticar com delícia a arte do encontro!

E a esse respeito, só mais um desabafo: estar parada estes meses fez-me perceber a sorte que é viver na aldeia e como é importante a vida em comunidade. Depois disto vivido, não há como voltar atrás.

Nota: Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico.

Não há

memória

de uma coisa assim, mas

este verão

não há arraial, nem

procissão!





Procissão em honra de Santa Ana, Santana de Cambas Fotografia: Casa do Povo de Santana de Cambas

O Mastro

Isabel Campos,
Diretora da ALSUD Escola Profissional

As Festas de Mastro, também chamadas só como o Mastro, evocam a felicidade da chegada do verão, quando há finalmente mais luz e os dias ficam mais longos. Hoje estão associadas aos santos católicos (os populares Santo António, São João e São Pedro) e tomaram muitas das suas referências, mas são festas mais antigas do que o Cristianismo.

O Mastro é um baile, normalmente num largo da aldeia, em redor de um mastro (um pau de madeira – como os usados para os tetos das casas – com 3 a 4 metros de altura “vestido” de verdura de loendros, mentrastos, murta e junça) colocado ao centro do largo, a partir do qual irradiam enfeites de papel que vão prender a paredes do largo ou a outros mastros mais pequenos. No cimo do mastro central está uma vistosa e colorida charola, uma estrutura esférica (normalmente feita de canas, madeira ou ferro) coberta de muitos e coloridos papéis recortados, onde se penduram as chaves dos santos a que alude o Mastro, ou uma quadra escrita para a ocasião. Os enfeites e a cha-

rola foram feitos (ou refeitos) em muitas noites anteriores, pois esta é uma festa que exige antecipação e organização comunitária de vizinhos para fazer um bonito e vistoso Mastro.

Os bailadores vão rodopiando, em passo que se quer acertado, ao redor do pau de mastro, pisando inebriantes mentrastos espalhados pelo piso do largo, que assim libertam o seu odor. Todas as idades estão presentes, sorrindo ao futuro ou ao passado, conforme o peso da memória. Dá-se sustento à noite com as comidas e as bebidas da ocasião. Não podem faltar os nógados, pequeninos bolinhos de massa de trigo e ovos, fritos em mel e colocados, em grupos de 3, numa aromática folha de laranjeira.

Os tocadores e cantadores, incansáveis, animam a festa. Muitas das modas e cantigas dos Mastros (e de outras Festividades) são de tempos bem antigos e imemoriais. Antes da globalização e da internet, antes dos telemóveis, antes da eletricidade e da música amplificada, antes das estradas alcatroadas, e antes da escola para todos, festas como os Mastros eram dos momentos sociais

mais importantes para os jovens. Eram momentos de encontro depois do trabalho e eram as danças de roda ou a pares em redor do Mastro, que propiciavam o namoro e a aproximação. Sob a vigilância dos pais e da comunidade, dançavam, cantando ao mesmo tempo, à luz do lampião ou da lua: Olha a Pombinha Doncelimão jogalhe a fita...leva-a pra casa...que ela é bonita” (em que se jogava a fita ao par que se queria para o centro da roda) ou então o José Marques levanta a cinta...hás-de ser o meu amor” (dança jogo em que o objetivo é não ficar sozinho /solteiro no meio, da roda), ou um Desanda a roda (bem juntinhos, rapazes e raparigas faziam dois círculos concêntricos que se entrelaçavam com os braços) , ou ainda o Quem anda no meio é tão Catitinho ou os Arquinhos, ou o Silva Silva Enleio Enleio, entre outras. À moda, cantada por todos, sucedia-se a cantiga, cantada só por outro, que tomava a iniciativa como forma de fazer a proposta ou dar resposta ao pretendente, aceitando ou rejeitando o par. Momentos socialmente exigentes nos quais se uniram muitos dos casais que hoje são os nossos avós e bisavós.





São também festas cíclicas que se repetem todos os anos. Marcam a entrada no verão no Hemisfério Norte, assinalando um acontecimento astronômico, o solstício de verão, que é a altura em que a Terra, no seu movimento de translação em volta do Sol faz um ângulo de 23,5° com essa estrela. Assinalam também um momento no calendário agrícola, o final da época das colheitas de algumas plantas, como o trigo, a cevada, o centeio, fundamentais para a nossa alimentação e civilização dos últimos milénios. Por essa razão, associam-se a uma época de abundância (embora nem sempre o fosse para todos) e de decompressão do trabalho, altura em que todos ficavam mais disponíveis para conviver no fresco das noites depois da canícula (ou da calma) dos dias. Por isso, estas festas também celebram a fertilidade (que o masculino mastro e a feminina charola explicitamente exaltam) e foram o palco de namoros e casamentos que as danças e as cantigas teceram como uma trama que envolvia os pares casadoiros.

A estas noites, e em especial à alvorada deste dia, eram

dados poderes especiais de magia para prever e adivinhar o futuro. Combinados com água, fogo e plantas há todo um imaginário de poderes dados a estes elementos nestas noites.

Com as sortes dos papelinhos, ou da moeda, do chumbo, do ovo, da alcachofra, pretendia-se descobrir o nome, a profissão, a fortuna ou quem era o futuro marido. Com a sorte do sal como seria o ano agrícola.

Nas fogueiras queimava-se o alecrim e o salto da fogueira, além de mostrar a habilidade (ou falta dela) no saltador, era purificador e dava sorte e fortuna.

Às águas e aos banhos destas noites eram também reconhecidos poderes especiais, por isso, para muitos este banho na fonte era purificador. tratamentos com as águas santas (águas termais da Morena, da Herdade ou de Besteiros) iniciavam no dia de São João, por ser o santo associado ao rito do batismo pela água.

A Escola Profissional Alsud e a Universidade Sénior tem vindo a recolher e a organizar o património material e imaterial desta e de outras

Festividades Cíclicas. Com o apoio do Município e, neste ano, da Fundação Calouste Gulbenkian, temos feito recolhas de base etnográfica com os nossos alunos e temos organizado muitos Mastros, o 1º dos quais em 1998 na Vila Velha, o saudoso Mastro da Oliveirinha. Com essas recolhas, através das danças e cantigas, mas também dos enfeites e alimentação, reinventamos o património de base local e animamos as aldeias onde o projeto da USM está instalado.

Atualmente, estas festas estão suspensas por prevenção perante a pandemia da COVID 19.

Foi muito difícil para todos passar esta temporada sem as “nossas” festas de USM. Mas acreditamos que vamos voltar e só pedimos a todos os seniores que, até lá, se cuidem muito bem e não deixem de ter hábitos saudáveis como cantar, dançar, andar, comer as coisinhas saudáveis da horta e falar com quem amam. Voltaremos à Festa porque a Terra continua a girar à volta do Sol e outro verão virá! Cultivemos a saúde e a esperança como as flores dos nossos jardins.

FESTIVAL ISLÂMICO DE MÉRTOLA 2021

Tigela com decoração fitomórfica.

Alcáçova do castelo de Mértola. Criptopórtico. Grande tigela com o bordo em aba descaída, corpo troncónico bastante baixo e com uma carena pronunciada. A base é levemente convexa em pé anelar diagonal. A pasta é bege e alaranjada, pouco compacta, com elementos não plásticos de xisto. O exterior da peça foi coberto com um vidrado monocromático melado-esverdeado e o interior apresenta uma decoração de corda seca total em branco, verde e melado. O manganês delinea um motivo central de quatro caules entrelaçados que se cruzam com quatro flores de loto estilizadas. A decoração secundária consiste em motivos vegetais espaçados na parede da tigela e um reticulado triangular no bordo. As composições quadripartidas, mesmo aquelas que se cruzam com uma segunda composição como acontece nesta peça, são interpretadas como representações do Paraíso (o ponto central que, neste caso, é um círculo), do qual partem os quatro rios.

Séc. XII

CR/CS/0008. TORRES, 1987A: 83; TORRES, 1986: 195; VV.AA., 1998: 94; GOMEZ, 2001:165



Paraíso

A representação do paraíso num recipiente cerâmico nem sempre se esconde sob a forma vegetalista. Assume também uma representação em cruz com diversas variações. Os quatro braços da cruz representam quatro rios, tendo por vezes no centro um círculo representando a fonte da vida. No espaço formado pelos braços da cruz encontram-se as quatro "árvores do paraíso". Os extremos dos rios abrem-se geralmente em leque, que são as quatro portas dos quatro ventos. Este "mapa de fundo" é reconhecível em todas as tigelas quadripartidas. As variações consistem na quantidade de elementos representados e numa maior ou menor estilização dos diferentes elementos.

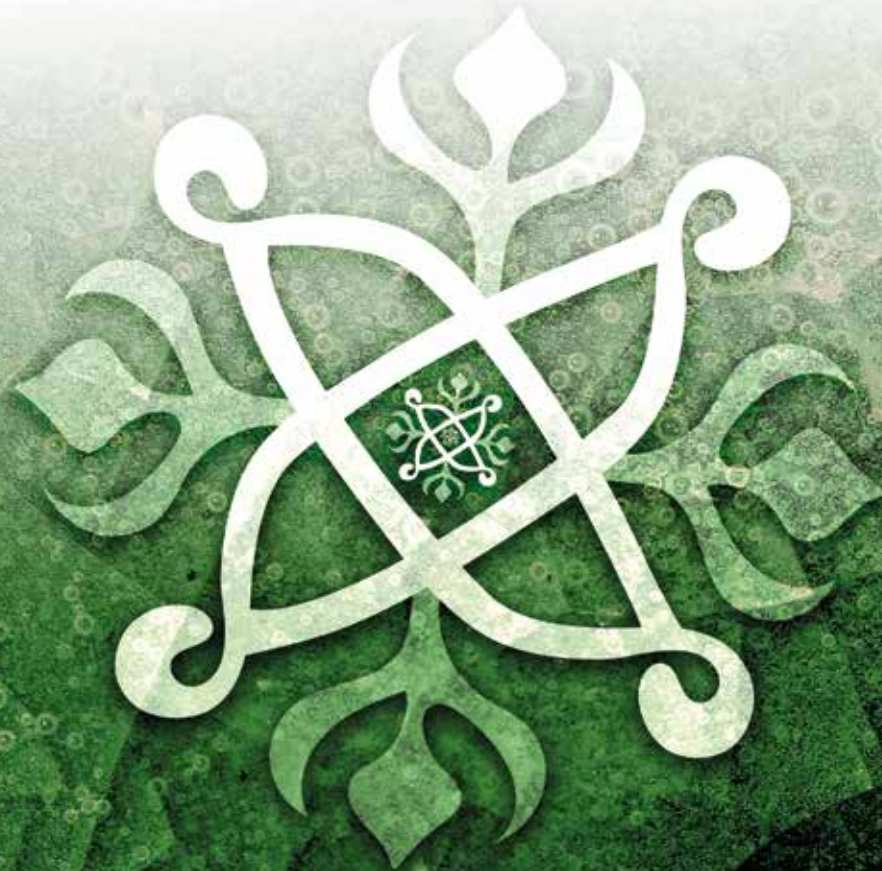
NÁDIA FERREIRA TORRES, 2011, P.44



A Cruz Quadrada

"(...) se considera tradicionalmente el símbolo del universo en muchas sociedades antiguas – persa, fenicia, etc... En el mundo islâmico se convierte en el símbolo del paraíso por excelência, y lo encontramos en muchas ocasiones sintetizado en la losange, como consecuencia de unir los puntos de la cruz, o en la propia losange com un punto central. ..."

ARACELI TURINA GOMEZ, 1986, P.458



Apresentação do Festival Islâmico de Mértola 2021 | 18 de setembro
Com Celina da Piedade e Ana Santos.

[Sujeito a confirmação em função da avaliação da evolução da pandemia]





18

Contos contados de porta em porta, em ruas ou em largos, escutados à porta ou à janela, sentados no poial ou numa cadeira trazida para o largo.

Contos ao Largo, numa clara alusão à fruição cultural destes espaços públicos, agora muitas vezes vazios, bem como, à expressão ‘passar ao largo’, ou seja, passar a uma distância considerável, que nos relembra os cuidados a ter face à situação pandémica que actualmente vivemos.

Este é um projecto cultural lançado por 2 contadores de histórias locais. Começa com histórias locais já recolhidas, por forma a alicerçar o projecto na memória colectiva da comunidade e partindo daí, dá lugar à recolha da tradição oral, sejam elas histórias mais colectivas ou pessoais, descobrindo novos caminhos narrativos a explorar.

Integra também desafios ao público, que podem promover a interacção imediata (acautelada a distância qb) - por exemplo, cantar, assobiar, dizer um provérbio ou um verso - ou servirem de ‘âncoras’ para momentos futuros - como trazer uma fotografia antiga ou um objecto importante, entre outros.

Com o tempo, esta andança andarilha das palavras contadas vai dar lugar a imagens, textos, objectos, estórias recolhidas e recontadas e a vídeos com as vozes das gentes e os sons dos lugares.

O projecto integra também uma componente de disseminação online dos materiais recolhidos, assim como, a uma publicação dos contos e fotografias recolhidas.

Equipa

Criação e interpretação_ Rita Sales | Textos_ Pedro Faria Bravo | Disseminação de conteúdos_ Marlene Aldeia | Projeto desenvolvido em parceria com a CMM.

Nota: Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico.



TEATRO

CINEMA





foi aqui

RAIVA

Antes da estreia comercial do filme «Raiva», fizemos uma ronda de antestreias pelas cidades que apoiaram o filme no Alentejo. Fui sempre acompanhado pelo protagonista, Hugo Bentes, que viria a receber o prémio da Academia Portuguesa de Cinema para melhor ator do ano (entre tantos outros prémios que o filme recebeu).

Lembro da apresentação em Mértola como se fosse hoje por um comentário do público. Após a projeção, um homem disse que aquilo que mais gostava no filme era o silêncio. Não apenas o facto de o filme contar uma história ancestral com poucas palavras, mas gostava da forma como o filme retratava o silêncio calado dos alentejanos. Era algo que eu tinha ambicionado fazer, sem êxito, num filme anterior «Alentejo, Alentejo». Não era possível revelar o silêncio contido dos alentejanos num documentário sobre o Cante. Em Raiva, acabei por concretizar o meu sonho sem sequer me dar conta disso. Obrigado Mértola.

Sérgio Tréfaut

Sinopse

Alentejo, 1950. Nos campos desertos do Sul de Portugal, fustigados pelo vento e pela fome, a violência explode de repente: vários assassinatos a sangue frio têm lugar numa só noite. Porquê? Qual a origem dos crimes? Adaptação de «Seara de Vento», de Manuel da Fonseca, um clássico da literatura portuguesa do século XX, Raiva é um conto negro sobre o abuso e a revolta.

A ação decorre na década de 1950 no Alentejo. A vida é árdua. Os trabalhadores rurais, sob o domínio dos grandes proprietários, trabalham de sol a sol e o que ganham muitas vezes não é suficiente para alimentar as suas famílias. Uma noite, depois de ser vítima de uma grande injustiça, um homem perde a razão e transforma-se num assassino. Com realização de Sérgio Tréfaut, "Raiva" é um filme a preto e branco que adapta ao grande ecrã a obra "Seara de Vento" (1958), de Manuel da Fonseca, um clássico da literatura portuguesa do século XX sobre a pobreza, a opressão e as injustiças sociais que se inspirou num evento verídico acontecido em Beja, em 1930.

DAWGA

MÚ
SICA



A cultura é um todo complexo



Concerto da Orquestra Clássica do Sul, Novembro de 2019, Igreja do Espírito Santo

Maria Cabral | Presidente da Direção da Orquestra Clássica do Sul

A cultura é um todo complexo, que engloba os conhecimentos, princípios e valores, as crenças, a arte, a história e os costumes partilhados por uma determinada sociedade. A Orquestra Clássica do Sul (OCS), ao partilhar a sua atividade musical com as comunidades das regiões do Algarve e do Alentejo, contribui para a fruição cultural das mesmas, e para a promoção dos valores estético-musicais que marcam a nossa cultura.

Através da sua colaboração com entidades locais, designadamente com a autarquia e as freguesias de Mértola, a OCS tem contribuído para o desenvolvimento cultural a partir da música, oferecendo a oportunidade de contato com grandes nomes da música, assim como com obras consideradas como marcos da cultura que partilhamos com outros povos do ocidente.

Em cada concerto realizado numa das igrejas localizadas em zonas mais distantes dos grandes centros, celebra-se a Música do mesmo modo que no auditório urbano mais famoso. A linguagem da música é universal, e a qualidade da sua interpretação não depende do local onde essa experiência se realiza.

Sempre que a Orquestra é recebida pelos habitantes do concelho de Mértola, retribui com o seu saber e mestria para uma oferta cultural mais rica na região. Deste périplo pelo Baixo-Alentejo, e, particularmente pelas freguesias do concelho de Mértola, fica a memória da beleza dos sons, mas também o registo do reencontro das comunidades locais, unidas pela partilha de uma experiência estética que a todos nos toca.

EX

PO

SIC

2
OEESS



Exposição

A Porta do Mar

do pintor Guilherme Parente

A Galeria do Castelo, em Mértola, recebe desde 25 de julho, a exposição "A Porta do Mar" da autoria do pintor Guilherme Parente, considerado um dos mais importantes pintores portugueses vivos.

José Augusto França refere sobre a obra do pintor que "A pintura é esta luta sempre necessária e sempre insuficiente, para além das figuras representadas, dos ícones e dos símbolos de um discurso alusivo. Caso de formas e de cores, de linhas e de planos, de espaços e de ritmos. Parente foi apanhado pela fascinação deste jogo, e passou, sem se enganar, pelas aventuras de histórias contadas - histórias feéricas em que as personagens e os objetos vinham de além de um quotidiano que ele já sabia feito de cores e de luzes. Feito, em suma, de "pintura-pintura", como convém dizer."

Esta exposição organizada pela Câmara Municipal de Mértola, consiste em telas de grande formato bem como luminosas aguarelas, num contraste emotivo e vibrante, que traz à galeria do Castelo mais um forte motivo de visita.



No catálogo, o Maestro Victorino d'Almeida escreve, através de um texto inédito: "histórias de crianças contadas aos adultos para que estes possam adormecer na paz das boas incertezas. E as brisas visuais que envolvem as telas trazem e levam, sempre suavemente, uma suspeita de música, talvez de Ravel, que nunca foi impressionista, tal como o Guilherme o não é...E porque a realidade é tantas vezes sufocante, há que dar-lhe sempre, sem grandes agitações a respiração necessária."

Esta exposição preciosa detém a curadoria de José Alexandre de São Marcos que sobre a mesma refere: "São muitos os estratos da memória, são imensas as cores em que uma paleta se pode desdobrar, é uma seara sem fim, um vasto oceano, uma canção alegre ou saudosa. Estará sempre, em todos os casos, presente no ser humano essa vontade de despertar uma Primavera em qualquer das estações e em todas as idades da vida, como após a maior tristeza que combatemos ou a maior alegria que julgamos não ser capazes de conter.

Na obra do Pintor Guilherme Parente está esse momento, o momento de viver, em que se abre uma porta: A Porta do Mar".

galeria do castelo

a porta do mar
pintura
Guilherme Parente
25 jul. | 24 out.



casa das artes mário elias



20 anos do círculo
artur bual
artes plásticas
Artistas do CACAB
12 set. | 17 out.

horários.

galeria do castelo. 3ª feira a sábado. 09h00-12h30 | 14h00-17h30

casa das artes mário elias. 3ª feira a sábado. 09h00-12h30 | 14h00-17h30

Geraldine Zwanikken

criando uma vida

texto de Trevor Hellems . tradução Fernando Venâncio

A intransigente determinação de espírito de Geraldine Zwanikken foi, muito certamente, gerada no campo de concentração japonês na Indonésia, onde ela era de ascendência holandesa. A indecisão e a sobrevivência não são complementares e, portanto, foi desde a mais terna infância que Geraldine soube que seria bailarina, mesmo enquanto se entregava a jogos infantis entre as pilhas de requintados materiais nos mercados de tecidos de Djakarta (onde ela, aliás, desenvolveu o olhar exigente da artista em que se tornaria). De volta à sua Holanda natal, estudou dança e entrou na restaurada Companhia Nacional de Ballet holandesa. No entanto, a meio de uma carreira bem-sucedida no grupo artístico, ela deu-se conta das limitações criativas do movimento: o uso do corpo em formas naturais e emocionais de expressão.

DANÇA CLÁSSICA, 1970

FRAGILITY CYCLES, 1979

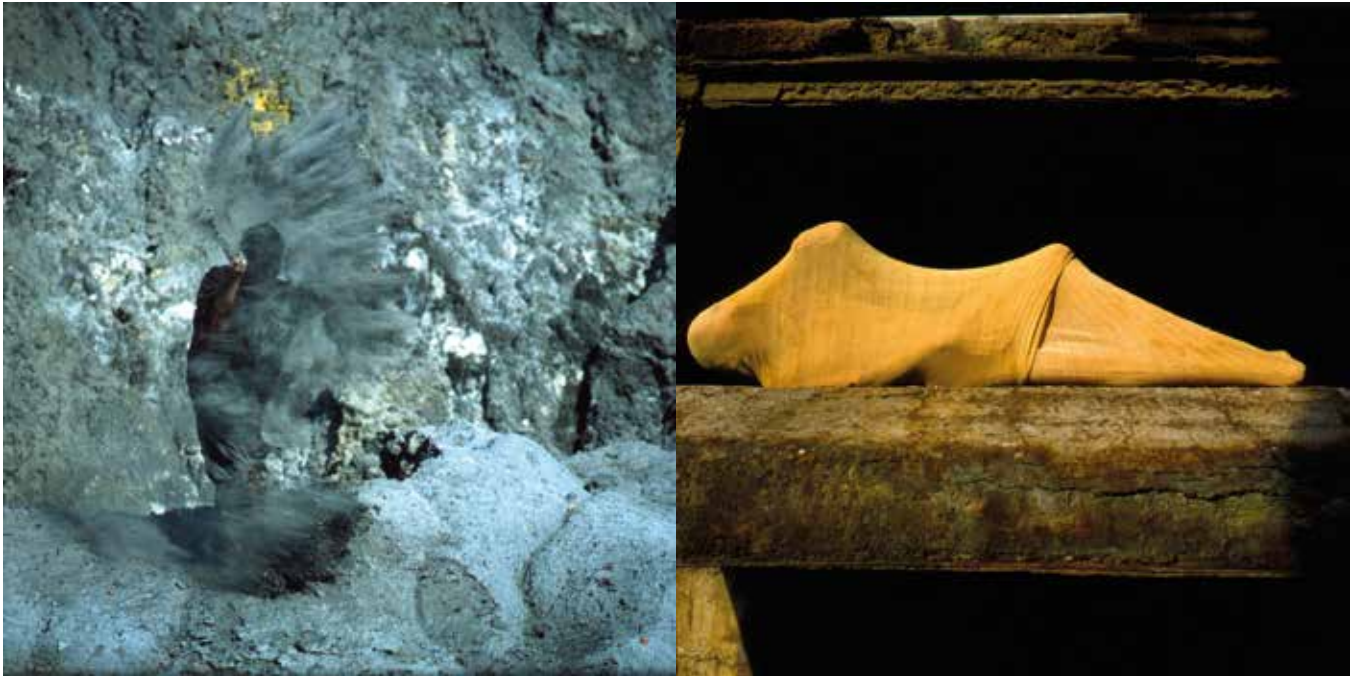


Estabeleceu-se como artista a solo, mas novamente, em pleno sucesso, voltou-se para a busca de uma vida criativa mais ampla e carregada de significado. E assim, com o marido Kees e os dois filhos (Christian e Louis), chegou finalmente a Portugal. Aí aprenderam uma nova língua e, sozinhos, reconstruíram as ruínas do antigo Convento Guadiana, nas profundezas do Alentejo, junto a Espanha. Com o apoio e incentivo de Kees (que era um soberbo fotógrafo), uma nova vida se expandiu. De facto, o núcleo de um centro cultural estava crescendo e ganhando já atenção em Portugal e noutros países. Geraldine promoveu cursos de actividade criativa, envolvendo movimento, dança, ioga, conscientização em saúde e expansão da consciência que têm atraído indivíduos de todas as disciplinas e nacionalidades. A igreja medieval tornou-se uma arena para apresentações experimentais de dança e uma galeria e atelier para as emocionantes e inovadoras explorações de Geraldine no mundo da arte visual.

O terreno abandonado tornou-se como um jardim botânico, sob a orientação de Louis. Actualmente, o atelier de arte de objectos em movimento de Christian acha-se precisamente no terreno onde ela encontrou a sua suprema realização e o seu reconhecimento. A vida criativa, como Geraldine Zwanikken demonstrou, não é permissiva ou auto-indulgente, mas um rigoroso mestre de tremenda disciplina interior! É uma força que nivela o indivíduo menor e torna mais forte o forte!

Nota: Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico





MINA, 1987. performance/diaporama, 100 imagens. fotografia: Kees Zwanikken.

LANDSCAPE BY NIGHT, 2000. resina, polyester, acrílico. 510x100cm.



6 BOLSAS, 6 PROJETOS, 6 TERRITÓRIOS, 6 EXPOSIÇÃO



SUS TEN TAR

2020
2021



PARCEIROS
E COFINANCIADORES



CÂMARA
MUNICIPAL
DE ÉVORA



figueira
as artes 2000 anos

PARCEIRO
INSTITUCIONAL



MUSEUDOLUZ

APOIO
FINANCEIRO



REPÚBLICA
PORTUGUESA

ARTES

ORGANIZAÇÃO
E PRODUÇÃO

ciclo

Evgenia Emets*
Arte e Ecologia
www.evgeniaemets.vision



O meu nome é Evgenia Emets, sou uma artista e poeta a viver em Portugal. Estou focada em explorar temas em torno da percepção do tempo nas culturas humanas e como essas percepções moldam a nossa realidade e as nossas experiências do dia-a-dia. Através da poesia, caligrafia, instalação, trabalho performativo e arte florestal, crio narrativas que exploram o relacionamento humano com a floresta e a natureza.

O projeto Floresta Eterna, central na minha prática artística, é um projeto de arte multidisciplinar em contínuo, implicado na transformação do nosso relacionamento com as florestas e a biodiversidade, que pressupõe a criação de 1000 Santuários de Floresta Eterna, protegendo-os por 1000 anos. Abraçando uma lógica de pensamento de longo prazo, Eternal Forest (Floresta Eterna) é um convite para co-criar com a natureza, através da arte e da ecologia.

[<http://bit.ly/eternal-forest>]

Durante a minha residência artística em Mertola, gostaria de focar a exploração dos princípios sintrópicos na natureza - de ambas as perspetivas: a mais conceptual, relacionada com ideias e conceitos sobre a natureza do tempo na ciência; e a mais prática ou pragmática, enraizada nos princípios por detrás da Agricultura Sintrópica.



A Escola de Artes Mário Elias é um projeto de sensibilização, formação e educação artística não formal promovido pela Câmara Municipal de Mértola. A escola não é um espaço físico, um lugar ou uma sala. A escola acontece em workshops, cursos, residências artísticas ou master classes dirigidos a diferentes públicos. Pretende habilitar as pessoas para a criação artística e desenvolver nelas a capacidade de se relacionarem, interpretarem e sentirem as diferentes linguagens artísticas, bem como, de assumirem perante a arte e a vida uma consciência crítica e uma atitude criativa.



Curiosamente, quando comecei a pesquisar o princípio da sintropia, percebi que esse fenômeno foi investigado por matemáticos, físicos quânticos e cosmólogos, entre outros, e está muito relacionado com a maneira como entendemos a natureza do tempo.

Por outro lado, a sintropia também se refere à possibilidade de evolução do simples para o mais complexo nos organismos e ecossistemas vivos com vista à sua diversidade. Este universo conceptual, tem a sua aplicação prática na Agricultura Sintrópica, criada e desenvolvida por Ernst Gotsch, e seguida por muitos como uma abordagem a sistemas agroflorestais.

Fiquei fascinada com a justaposição destes dois mundos extremamente abstratos e simultaneamente extremamente concretos e práticos interconectando-se através dos ciclos do tempo nas plantas e nos ecossistemas vivos, através do clima, da dinâmica social e dos sistemas económicos.



Na física quântica e na cosmologia, tanto a entropia quanto a sintropia existem em simetria e equilíbrio, e nelas o tempo e a vida são governados simultaneamente pelo passado, presente e futuro. A entropia é vista como "flecha do tempo" - o tempo passando do passado para o futuro. A sintropia é vista como o futuro causando o presente ('vida causada pelo futuro', Fantappiè).

A entropia assumiu um papel central na cultura ocidental, oferecendo-nos um modelo do universo na sociedade industrial e pós-industrial, em que os recursos se esgotam, a poluição aumenta, a desertificação é inevitável. Vimos implicações práticas do princípio da entropia na nossa sociedade expressas na destruição de ecossistemas por meio da extração de recursos.

Mas a natureza tem entropia e sintropia como parte dos seus processos. Talvez seja a hora de considerar uma visão em que aceitamos as duas forças da natureza (incluindo a natureza da psique humana), a sua interação e equilíbrio, e estar abertos a outros possíveis resultados

da nossa interação com a natureza. Talvez seja a hora de abraçar a visão do tipo de futuro que imaginamos e começar a avançar em direção a ela a partir do presente: rico, diversificado, verde, exuberante, abundante e colaborativo.

Espero, durante a minha residência artística em Mertola, conectar-me e inspirar-me no trabalho já realizado por várias iniciativas locais, organizações e comunidades baseadas na valorização da biodiversidade, seguindo princípios sintrópicos, ouvindo os ciclos da natureza e como esses ciclos estão mudando junto com a mudança, trabalhando em colaboração e cooperação e de maneira comunitária entre si. Gostaria de ouvir e capturar as vozes da comunidade de Mértola, as suas experiências, as histórias e práticas, que serão inspiração para o meu projeto.

A ideia central é explorar a nossa compreensão da entropia e sintropia com base no nosso sistema de valores atual e nas "crenças" culturais; explorar como isso afeta a nossa interação com os sistemas vivos, incluindo o cultivo de alimentos e florestas.

Como imaginamos o futuro? A visão do futuro afeta a ação no agora? Qual é a história que estamos vivendo? É a única história? Qual é a história que está surgindo? E onde estamos agora em termos de convergência de histórias antigas e novas?

* Artista residente no projeto Sustentar.

Promovido pela Ci.Clo com o apoio e co-financiamento da Câmara Municipal de Mértola.



A black and white photograph of a stone wall, likely a fortification, with a cloudy sky in the background. The wall is made of large, irregular stones and has a crenelated top edge. A thin wire or rope runs across the wall. The sky is filled with dramatic, dark clouds. The overall mood is historical and somber.

MÉRTOLA

PA

TRI

MÓ

NIO

DE

TODOS

Olhar de ... Joaquim Boiça

Historiador, Presidente da Direcção do Espaço e Memória, Associação Cultural de Oeiras, desde 2008 e autor de vários livros. Colaborador do Campo Arqueológico de Mértola.

Mértola, Lugar de Encontros...

Cheguei a Mértola no ocaso de um dia quente de inícios de Julho de 1981, com Luís Silva, levados pela vontade de a conhecer e pelo impulso de um reencontro com Cláudio Torres, nosso professor, havia pouco, amigo que em breve se tornaria, como senti anunciar a conversa solta e animada que tivemos a três, logo então, no velho dispensário, noite dentro até ao amanhecer, que chegou para nos alertar ser já hora de dar sentido a um novo dia. Sabem aquela sensação que nos invade o corpo e a alma quando somos envolvidos pela cor, o cheiro, o movimento e o espírito de um lugar que parece familiar sem o ser ainda?

Apoderou-se de mim quando fomos calçada acima e calçada abaixo da vila velha até alcançar o Café Guadiana, "fora de portas", e à sua convidativa esplanada estendida sobre o pequeno largo fronteiro onde tudo e todos se cruzam. Nessa primeira manhã, olhando, depois, da Rua do Muro, o Guadiana a correr sereno para o mar, onde as minhas raízes moram, senti que Mértola iria pontuar o meu caminho, num repetido estar, partir e voltar.

A magia de Mértola começa no esporão rochoso que se alça entre uma ribeira e um caudaloso rio que unem as suas águas doces às salgadas do oceano distante, que aqui chegam, num abraço sem idade, empurradas pelas marés. Do enlace milenar do Guadiana com o Mediterrâneo, primeiro, e depois como Atlântico, quando já era terra portuguesa, teceu Mértola a sua multifacetada identidade cultural, ímpar na materialidade das formas que a compuseram e na imaterialidade dos significados que adquiriu.

Esse longo e repetido navegar entre o rio e mares sem fim tornou Mértola o mais fantástico porto fluviomarítimo do ocidente ibérico, lugar de chegada e de partida, no desdobrar de muitos séculos, de gente atrás de gente, de mercadorias sem conta, de produtos da terra e de minérios resgatados das suas entranhas, de crenças, saberes, hábitos e conhecimentos de mundos próximos e longínquos e, claro, das novidades que nuns e noutros pulsavam, políticas, religiosas, ideológicas e também militares, pois do bramir de armas se traçaram e traçam impérios e nações. E de tudo um pouco de si irradiava para um território interior, do imediato às adjacências regionais

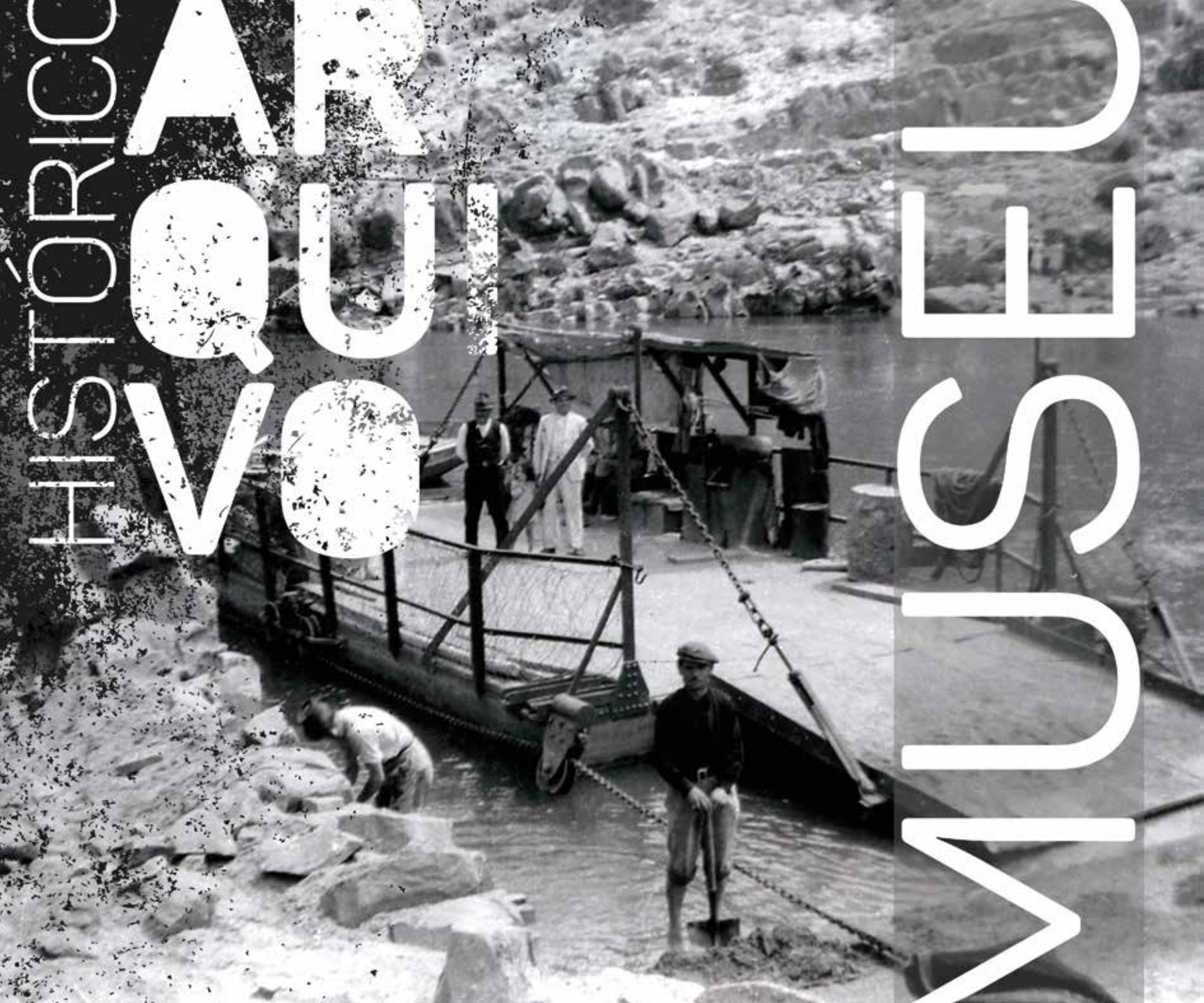
do "Além Guadiana" e do "Aquém do Tejo", estendendo as suas conexões muito para lá das majestosas muralhas que cintavam o burgo portuário.

Dessa condição fez-se Mértola um lugar de encontros desde a antiguidade, com traços de continuidade e de mudança, mas também de ruptura, no percurso histórico que partilhou com as primeiras civilizações peninsulares; as que o mar mediterrânico facetou, da velha Cartago à Roma imperial; a que resultou da fragmentação desta, numa romanidade tardia entrelaçada com os sábios ventos do oriente e não os do "barbárico" norte, que facilitou, depois, a sua inscrição no universo islâmico, até este se esfumar às mãos dos cavaleiros da Cruz de Santiago que do Guadiana faziam uma nova porta de mar, agora atlântica, aberta ao Norte de África e ao Porto de Lisboa. E se esta cidade, elevada a capital de um império marítimo, se tornou, parafraseando o renascentista Damião de Góis, a Rainha dos Oceanos, bem poderemos dizer de Mértola que os séculos a coroaram Rainha do Guadiana (numa inconfidência imaginada, atrevo-me a afirmar que este título me foi sussurrado por um não menos eminente homem da renascença, Garcia de Resende, amante da terra alentejana). Acrescentemos a este epíteto, um outro, contemporâneo, que se ajusta à sua memória histórica, cultural e patrimonial, o de vila museu, não no sentido de um valor centrado no passado, mas emergente no presente, como instrumento de conhecimento e de relação intercultural, num mundo que comportando a diferença se pretende mais igual. Mértola Património da Humanidade? Por tudo o que representa e significa, já possui essa condição.

Nota: Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico.

HISTÓRICO
ARR
QUI
VVO

DES
S
M



A HISTÓRIA ATRAVÉS DOS OBJETOS

A História, o Património, e muito especificamente os museus, ajudam-nos a perceber factos, a fazer interpretações, a elaborar teses e hipóteses e a divulgar resultados. Este é o trabalho dos investigadores, dos museólogos e museógrafos, e de tantos outros profissionais que trabalham na interpretação e na apresentação de resultados que assumem na exposição a sua expressão mais mediática e mais próxima das comunidades locais e dos visitantes.

Este contacto de proximidade, de veículo de transmissão de conhecimento, de guardador de memórias e de elo de ligação com a comunidade é o principal objetivo do Museu de Mértola. Citando Cláudio Torres " toda a sociedade, qualquer comunidade deve guardar, proteger e valorizar os seus bens mais preciosos, as provas e documentos, as marcas, os objetos e artefactos portadores de um sinal de memória coletiva. Este local de memória pode e deve ser o museu. Um espaço de proteção capaz de concentrar e sintetizar a alma de um sítio ou território, capaz de dignificar o caráter mais profundo de uma comunidade". (TORRES, Cláudio, Museu de Mértola – Catálogo Geral, 2014, pg. 19). Este é o Museu de Mértola.

MUSEU DE MÉRTOLA MEMÓRIA E IDENTIDADE

Aqui estamos e estaremos para apresentar a história dos nossos antepassados, para trabalhar os dados do presente e preparar o futuro. Já estamos abertos e esperamos a sua visita.

Museu de Mértola

Horário

De 3ª a sábado, das 10:00 às 12:30 h
e das 15:00 às 17:30 horas;
Domingo das 10 às 13:00 horas;
Encerra domingo à tarde
e segunda-feira

Núcleos abertos ao público:

Oficina de Tecelagem; Igreja Matriz; Alcáçova; Castelo; Forja do Ferreiro; Arte Sacra; Basílica Paleocristã.

Condições de Visita:

O uso de máscara e/ou viseira é obrigatório;
Distanciamento social aconselhado (2m);
Desinfecção das mãos à entrada;
Cumprimento pelos limites de ocupação assinalados à entrada;
Entrada grátis
Não se realizam visitas guiadas



Tigela com cena de caça (cerâmica) Finais do século XI/1ª metade do século XII



MUSEU
DE
MÉRTOLA

horário

terça a sábado
9:30 h - 12:30 h / 15:00 h - 17:30 h
domingo
9:30 h - 13:00 h

ingresso

Torre de Menagem do Castelo
e Arte Islâmica - 2.00€

50% desconto para maiores de 65 anos e estudantes, entradas gratuita para menores de 12 anos e naturais e residentes no concelho de Mértola

A entrada nos restantes núcleos do Museu de Mértola é gratuita.

O ingresso pode também ser adquirido no Posto de Informação Turística

Informações e marcação de visitas guiadas

*turismo@cm-mertola.pt ou
museus@cm-mertola.pt
http://museus.cm-mertola.pt/
Telefone: 286 610 100 ext. 1580 ou 1590*

Arqueologia em construção

Intervenção arqueológica na designada

"Casa da Fagulha 2", uma mudança de paradigma

Jorge Feio, Arqueólogo



A Câmara Municipal de Mértola pretende avançar com obras na designada "Casa da Fagulha 2", situada em pleno Centro Histórico de Mértola, em zona de elevada sensibilidade do ponto de vista arqueológico. A urgência da concretização de obras é motivada pela necessidade de evitar a ruína da casa, visto que o seu estado de conservação se tem vindo a degradar muito nos últimos anos.

A zona envolvente a este espaço tem sido pródiga na identificação de estruturas arqueológicas de relevo, podendo a própria habitação que se pretende reabilitar estar localizada sobre o (ou um dos) antigo forum (fora no plural) da cidade romana de Myrtilis. identificado

no decorrer de uma intervenção arqueológica que dirigi na casa situada do lado norte, no âmbito de obras de reabilitação com vista ao realojamento de um casal de idosos entre os anos de 2006 e 2008.

Nas imediações (na rua) foram descobertas no passado a cabeça de Augusto, a cabeça de Tyche-Cybele, a cabeça de Dionysos e ainda vários togados e esculturas associadas a uma família imperial (Igreja da Misericórdia, "Casa Cor-de-rosa"). No anos 80 do século passado foi escavada a Casa Romana que se encontra musealizada na cave do edifício da Câmara Municipal de Mértola e que tinha continuidade sob a actual sede do Parque Natural do Vale do Guadiana.

Tendo em consideração a elevada supramencionada sensibilidade arqueológica do espaço em questão, a Câmara Municipal de Mértola, em consonância com o arqueólogo signatário deste texto, decidiu alterar por completo o paradigma que tinha estado vigente até ao momento. Ou seja, até à data fazia-se o projecto e a arqueologia só entrava na fase de obra. Como foram sempre feitas grandes descobertas (vide Biblioteca Municipal, "Casa da Fagulha", ou a "Casa Cor de Rosa"), houve sempre a necessidade de efectuar alterações. Neste caso, a Câmara Municipal de Mértola pretendeu trilhar por um caminho diferente. Ou seja, primeiro executaram-se várias sondagens nos espaços livres da casa, com dimensões suficientes para perceber os contextos arqueológicos, sem colocar em causa a integridade do edifício. Analisados os resultados será possível elaborar o projecto a partir deste momento, tendo em consideração as realidades arqueológicas existentes, evitando-se assim a destruição desnecessária de património, sendo possível, inclusivamente, enveredar-se pela sua musealização.

Intervenção e resultados obtidos

A intervenção teve como ponto de partida a realização de 3 sondagens no interior dos compartimentos existentes na "Casa da Fagulha 2" (estavam previstas 4, mas por razões de segurança não efectuámos a sondagem 1). As dimensões destas sondagens respeitaram as áreas dos espaços onde foram concretizadas, tendo sido criadas zonas de segurança por não se saber que profundidades iriam ser atingidas e até que ponto poderiam colocar em perigo a actual estrutura da casa, pois na obra realizada na vizinha "Casa da Fagulha" constatámos que uma boa parte dos alicerces assentavam directamente na terra, encontrando-se o substrato rochoso quase a 3m de profundidade.

Os trabalhos decorreram em bom ritmo e permitiram recolher informações importantes sobre a evolução histórica da vila de Mértola, sobretudo no que diz respeito aos períodos romano e islâmico.

No decorrer desta intervenção foi possível identificar estruturas em taipa (as primeiras bem preservadas no interior da "Vila Velha"), alguns alicerces de paredes, uma sequência de vários pavimentos com cronologias situadas entre os séculos X e XXI, vários silos datáveis de época islâmica, muito provavelmente todos eles construídos no decorrer do século XII, algumas paredes (uma das quais, eventualmente, datada da antiguidade tardia) e ainda um grande embasamento de época romana.

No que diz respeito ao espólio, é muito diversificado, mas, infelizmente, muitos dos fragmentos recolhidos encontram-se em contextos de revolvimento. Ainda assim regista-se a presença de ânforas fenício-púnicas, ibero-púnicas, romanas republicanas e romanas alto-imperiais, cerâmica da Idade do Bronze Final, cerâmica brunida da Idade do Ferro, cerâmica Ática, cerâmica tipo Kouass, "cerâmicas de imitação" Turdetanas, cerâmica campaniense, cerâmica de paredes finas, cerâmica em terra sigillata itálica, cerâmica pintada romana, lucernas, pesos de tear, cerâmica de uso comum romana, cerâmica de construção romana, terra sigillata Norte Africana ou Clara D, cerâmica vidrada islâmica, cerâmica em corda-seca parcial, cerâmica de uso comum e cerâmica de construção islâmica, faianças, cerâmica esmaltada de época moderna e de época contemporânea. Ou seja, o espólio confirma um importante horizonte de ocupação humana nesta zona

próxima do porto de Mértola entre os séculos VI a.C e a actualidade. Destacam-se ainda algumas peças, que surgiram em contextos de enchimento, que poderão remontar ao Paleolítico e que cremos ser as primeiras identificadas no interior da vila de Mértola até ao momento.

Pelo que foi possível verificar, resta muito pouco das estruturas de época romana que foram identificadas, pois foram desmontadas até à base ainda em época remota, à qual não nos foi ainda possível atribuir uma cronologia mais assertiva, podendo, contudo, tendo em consideração os dados recolhidos, supor-se que tal aconteceu em momento anterior ao século VII. A identificação de um grande embasamento, demolido quase na totalidade, sobre o qual assenta uma parede de época romana tardia/visigótica, confirma que estamos numa zona onde existiam edifícios públicos, podendo este embasamento encontrar-se associado a qualquer estrutura do fórum, ou a outro edifício público romano

Cerâmica de paredes finas republicana romana, século I a.C.



Lucerna romana com representação de gladiador, século I a.C.



Cerâmicas Turdetanas - II Idade do Ferro



Fragmento de fresco romano



Relativamente à época islâmica, as várias sondagens efectuadas forneceram indícios da existência de espaços habitados no decorrer dos séculos IX, X e XI (pelo menos) com testemunhos de destruição no século XII, num dos casos por acção de cheia (na sondagem 3). No século XII foram construídos vários silos, alguns dos quais sobre as paredes das antigas habitações, entretanto abandonadas.

Nas sondagens 3 e 4 foram identificados testemunhos das construções medievais e modernas, mas muito arrasados fruto de modificações ocorridas ao longo dos séculos XVIII e XIX que provocaram uma grande transformação da Casa da Fagulha.

As informações sobre as cheias muito destrutivas que afectaram esta zona de Mértola entre a Antiguidade Tardia e o século XII têm sido muito preciosas e serão muito importantes para o nosso estudo final, pois marcam verdadeiramente a necessidade de fazer alterações no urbanismo de Mértola, sobretudo no período de domínio visigótico (construção de um novo “centro de poder” na zona onde foram identificados os baptistérios e os mosaicos de influência mediterrânico-oriental) e em época

islâmica, podendo as destruições provocadas pelas cheias, por exemplo, estar relacionadas com a necessidade de construção do “Bairro da Alcáçova”.

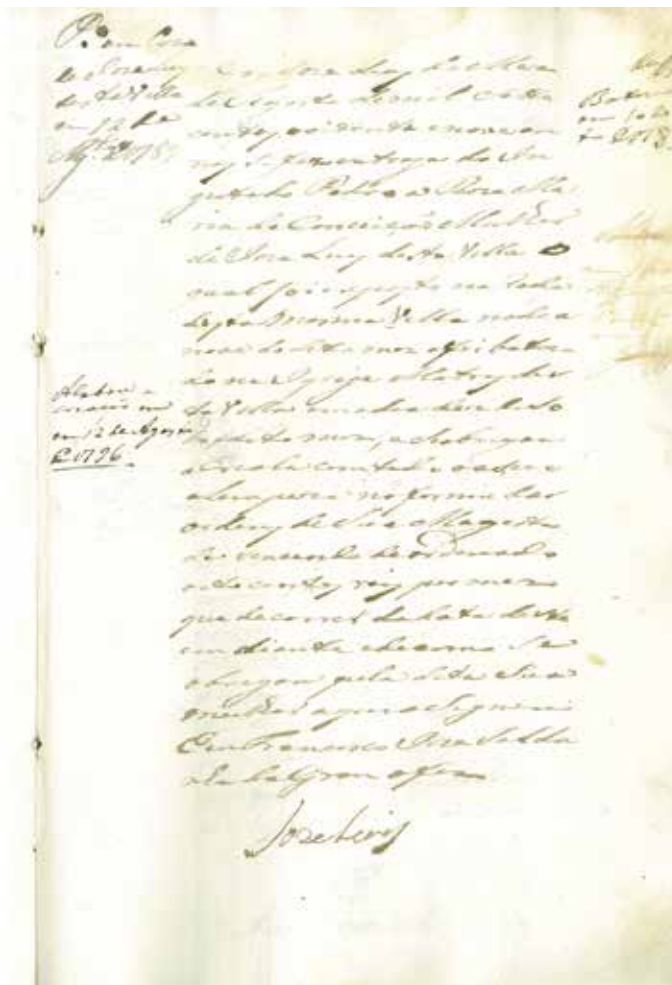
Creio que, apesar das muitas, mas boas, dificuldades que encontrámos na interpretação de alguns dados e de a equipa ser curta (apenas 3 elementos a tempo inteiro), os objectivos estão a ser cumpridos de acordo com o que foi projectado com a Câmara Municipal de Mértola.

Mais uma vez, damos conta da certeza que esta nova forma de abordagem da Câmara Municipal de Mértola é a mais indicada para o Centro Histórico, mostrando-se muito importante para o melhor conhecimento da história da vila, o que permitirá consolidar a base da candidatura de Mértola a Património da Humanidade, ao mesmo tempo que permite prevenir a necessidade de alterações de projectos e preparar a possibilidade de musealização de outros espaços, contribuindo assim para o desenvolvimento cultural e turístico do concelho de Mértola.

Nota: Este texto não foi escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico.

A Casa da Roda

aconteceu



A Casa da Roda: a assistência aos expostos ou enjeitados

O abandono de crianças, durante a Idade Moderna, era uma prática frequente motivada, essencialmente, por fatores económicos e sociais. Por um lado, a pobreza, o elevado número de filhos, a doença de um dos progenitores ou da própria criança dificultava a subsistência da família; por outro, os filhos ilegítimos e a defesa da honra da mulher poderiam levar ao abandono de uma criança. Esta prática surgia igualmente como alternativa ao infanticídio, cujas referências indicam não se tratar de um ato raro.

É então, com o intuito de salvaguardar a sobrevivência das crianças abandonadas (designadas como enjeitadas ou expostas), que as Ordenações Manuelinas – normas jurídicas impressas entre 1512-1603 – definiram que a criação dos expostos seria da responsabilidade dos concelhos. No entanto, é a Ordem de 24 de Maio de 1783, da Intendência Geral da Polícia, que ordena que em todas as vilas em que não existissem instituições que acolhessem os expostos, se instalassem casas munidas de uma roda “para expor os meninos que se enjeitam”.

As casas da roda eram assim chamadas por existir um cilindro giratório embutido na parede da casa, com uma abertura lateral de acesso alternado pela rua e pelo interior da casa, onde eram deixadas as crianças e eventualmente algum objeto que pertencesse à criança, permitindo identificá-la caso a família optasse por voltar a acolhê-la. Nestas casas as indagações sobre a identidade dos expositores eram expressamente proibidas. Nelas deveria estar permanentemente uma mulher – a ama da roda – responsável pela receção e entrega das crianças às amas, pagas pelas câmaras municipais.

Segundo a lei portuguesa, atingidos os sete anos, os expostos passavam à alçada dos Juizes dos Órfãos (embora muitas das crianças morressem antes de atingir os sete anos). Os juizes deveriam nomear-lhes tutor e empregá-los a troco de alimentos, vestuário e dormida, passando os meninos a receber salário a partir dos doze anos e adquirindo a emancipação aos vinte. O abandono de crianças do sexo feminino era maior, uma vez que estas eram economicamente menos valorizadas: o retorno financeiro era inexistente e implicava gastos até ao momento do matrimónio.

É deste sistema de acolhimento dos expostos que surgem as séries arquivísticas existentes no Arquivo Municipal de Mértola de registo de despesas e dos termos de entrada dos expostos na Roda e entrega às respetivas amas (de 1769 a 1912). O sistema das Rodas foi extinto por decreto a 21 de novembro de 1867. Contudo, a prática do abandono manteve-se e os expostos eram apresentados na secretaria da Câmara Municipal registando-se a informação sobre

os expostos, nomeadamente, a data em que foram apresentados na secretaria e a quem foram entregues, incluindo também dados sobre o modo como foram encontrados, enxoval que traziam e dados sobre o seu batismo. O livro de registos mais recente existente no Arquivo Municipal data de 1887-1912.

O documento que destacamos é, a título de exemplo, retirado do “Livro de registo dos termos de entrada e de entrega” de 1783 a 1802 e diz respeito a Pedro, um menino exposto. No mesmo podemos ler o seguinte:

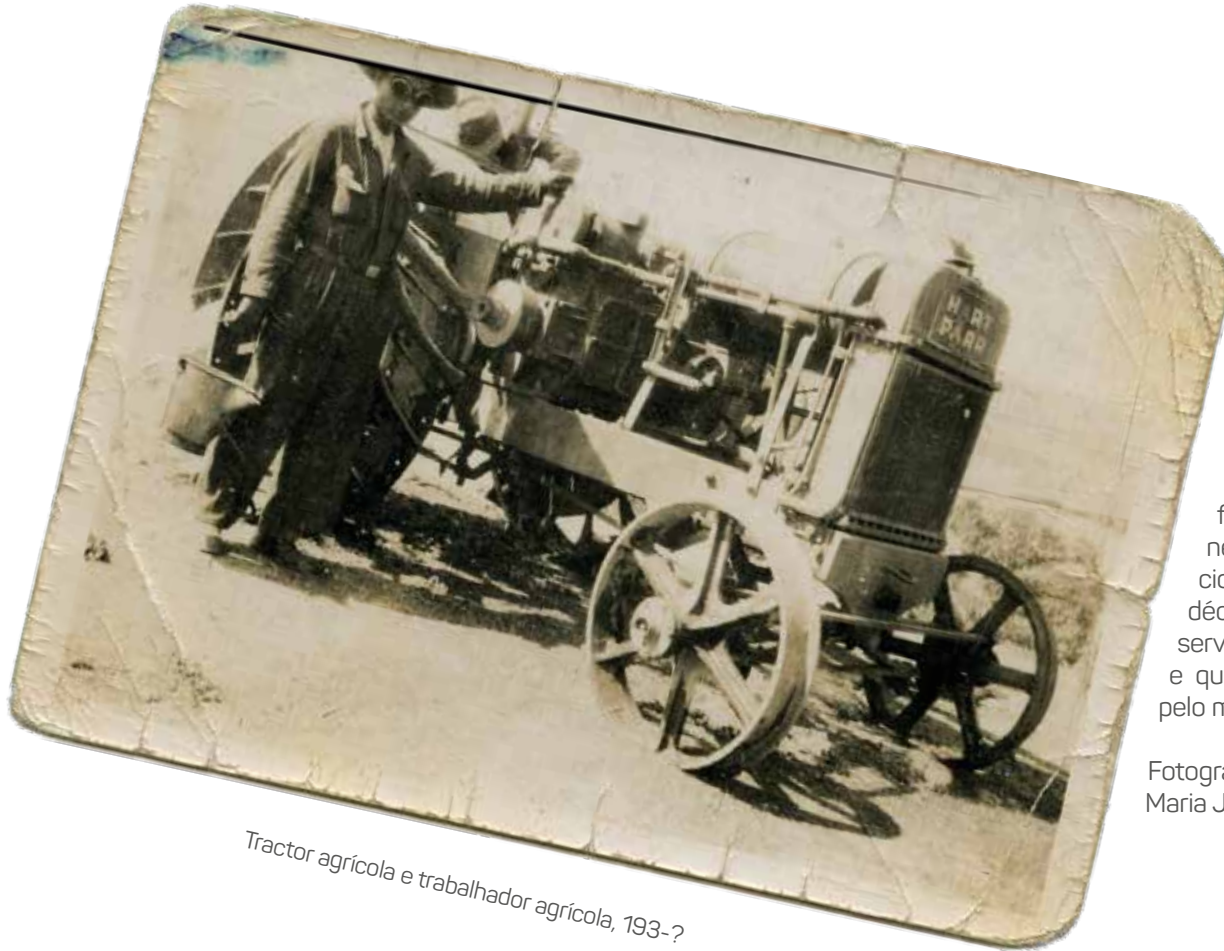
“Aos doze dias do mês de agosto de 1789 anos se fez entrega do enjeitado Pedro a Rosa Maria da Conceição, mulher de José Luís desta vila, o qual foi exposto na Roda desta mesma vila no dia nove do dito mês e foi batizado na Igreja Matriz desta vila em o dia dez do sobredito mês, e se obrigou a criá-lo com todo asseio e limpeza na forma das ordens de Sua Majestade, vencendo de ordenado oitocentos reis por mês que decorrer da data deste [registo] em diante e de como se o obrigou pela dita sua mulher, o que o assinou. E eu Francisco José Saldanha da Gram [escrivão da Câmara] o fiz”

[PT/AMMTL/CMMTL/P-A/002/0001].

Sabe-se, pela nota aposta, que esta criança sobreviveu os sete anos e que a sua criação terminou no dia 12 de agosto de 1796.

Consulte este e outros documentos no Arquivo Municipal de Mértola e aceda ao site em: <https://arquivo.cm-mertola.pt/>

Memórias



Tractor agrícola e trabalhador agrícola, 193-?

No âmbito do projeto de recolha e divulgação de fotografias antigas que retratam a história local do nosso concelho, foram-nos cedidas para digitalização algumas fotografias das quais destacamos, nesta agenda, duas fotografias relacionadas com a atividade agrícola na década de 1950 e onde se pode observar a maquinaria existente na altura e que perduraram (alguns exemplares), pelo menos, até à década de 80.

Fotografias cedidas para digitalização por Maria José da Paz Rodrigues Palma.

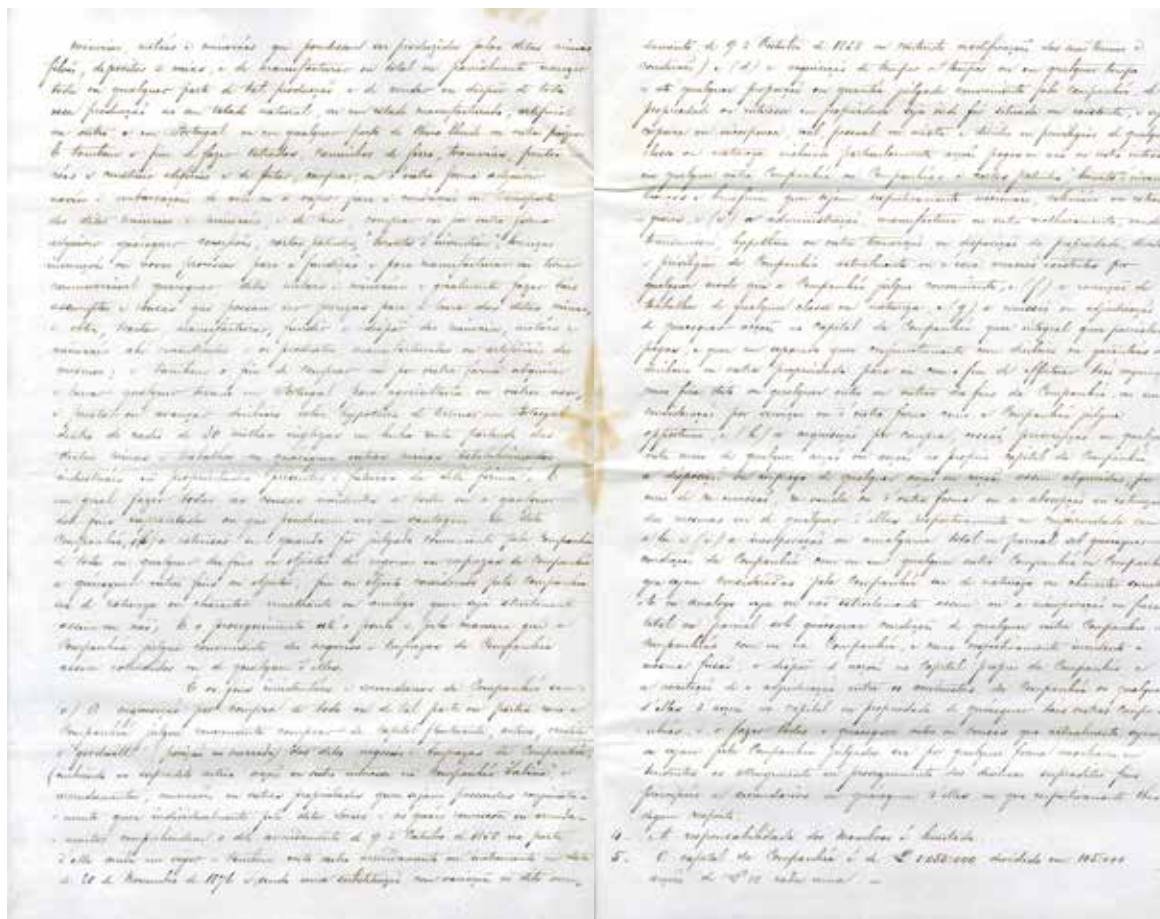
Fotográficas



Debulhadora e trabalhadores agrícolas, Simões, 05-07-1937

Participe no projeto de recolha e divulgação de fotografias antigas e contribua para a memória coletiva do concelho. Contacte o Arquivo Municipal através do email arquivo@cm-mertola.pt. A cedência de documentação de interesse local para digitalizar é temporária, não havendo transferência de propriedade, exceto se o possuidor pretender efetuar a doação ou depósito.

Memorandum1 d'Associação Mason & Barry limited



Este documento é de enorme importância para a compreensão e história da exploração moderna da Mina de São Domingos.

O documento apresenta 5 pontos que caracterizam a sociedade entre James Mason e Francis Barry, com o objectivo de definir as características da companhia Mason & Barry limited.

Ao longo do memorando é descrito o nome da companhia, a sede de registo, os fins principais para os quais é fundada a companhia, a responsabilidade dos membros e o capital da companhia.

Salienta-se neste processo de transição de todos os poderes e direitos da empresa La Sabina, para os membros desta nova companhia através de um contrato de arrendamento por um período de 50 anos, renovável.

Este memorando (sem data), está anexado ao resumo dos estatutos da "Mason & Barry limited".

Quem foi? Estácio da Veiga

1828-1891

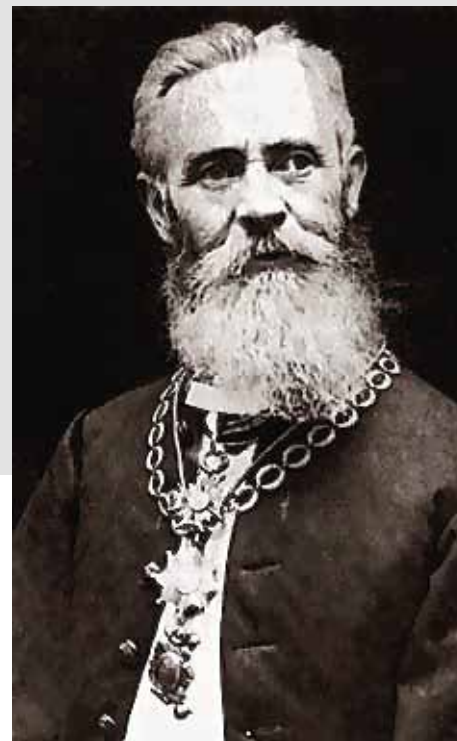
Estácio da Veiga, de nome completo Sebastião Phillipes Martins Estácio da Veiga, nasceu na cidade de Tavira a 6 de maio de 1828. Formado no Liceu de Faro e na Escola Politécnica de Lisboa trabalhou como engenheiro de minas, oficial de secretaria da Sub-Inspeção Geral dos Correios e Postas do Reino e tornou-se arqueólogo e etnólogo. Fundou o Museu Arqueológico do Algarve, com um significativo acervo, nas instalações da Academia Real das Belas Artes, que acabou por constituir o núcleo inicial do Museu Etnológico Leite de Vasconcelos, que hoje é Museu Nacional de Arqueologia.

Sebastião Estácio da Veiga, após as fortes cheias do Guadiana ocorridas em dezembro de 1876, foi encarregado pelo gabinete de Fontes Pereira de Melo de fazer o levantamento dos vestígios arqueológicos que ficaram a descoberto, tanto nessa região, como no Alentejo, e em particular em Mértola.

O trabalho de *"exame dos vestígios antigos de Mértola"*, iniciou-se a 2 de março de 1877 e terminou no dia 13 do mesmo mês, como atesta a carta que Estácio da Veiga endereçou, a 7 de março, a João Pedro da Costa Basto, então Oficial Maior da Torre do Tombo, a quem trata por Amigo e Mestre:

"Cheguei a esta villa em 2 do corrente, e não obstante haver-me encontrado com uma epidemia de bexigas, ainda aqui estou e estarei mais alguns dias, até terminar o trabalho respectivo ás antiguidades locais, de que tão arrebatadas noticias deram alguns periodicos. Ganharam aqui muita importancia algumas cousas que pouca attenção me parece merecerem, posto que esta gente nunca observasse certos monumentos epigraphicos de grande valor, que logo descobrí nos três primeiros dias da minha residencia nesta terrinha agreste e exquisita" (Cardoso, 2006:313).

No decurso da sua curta estada na vila, realizou investigações em diversos locais, como o Barranco do Azeite, a Vargem da Bombeira, a Vargem da Vaqueira, o convento de S. Francisco, o sítio do Tamujo, a vila intra e extra-muros, a Cerca de S. Sebastião e a Vargem de S. Brás. Foi o espaço urbano da vila que ofereceu a Estácio os melhores resultados, nomeadamente a área entre o Rocio do Carmo e a Ermida de Santo António com a identificação de uma necrópole, catorze lápides e um igreja paleocristã ou a zona do Castelo onde foram encontrados, parte do significativo conjunto de mosaicos que constituem hoje o circuito de visitaçao da Alcáçova/Baptistério. (Gomez Martinez, Lopes, 2006).



Aquando da sua partida de Mértola, rio abaixo no vapor que o levaria a Alcoutim, Estácio da Veiga não deixou de apresentar instruções às autoridades locais e regionais para o resguardo das suas descobertas, já devidamente encaixotadas, recomendando que as mesmas fossem remetidas à Academia Real das Ciencias de Lisboa.

Em carta, de 13 de março de 1877, dirigida ao Exmo. Governador Civil de Beja, dizia:

“Exmo. Sr.

Nesta data entreguei ao Administrador deste Concelho seis caixotes, contendo monumentos epigraphicos e outros objectos archeologicos encontrados na exploração a que procedi dentro e fóra da villa em cumprimento da portaria do Ministerio do Reino de 15 de janeiro ultimo, a fim de que V. Exa. se sirva dar as suas ordens para serem dirigidos ao Exmo. Conselheiro Director Geral de Instrucção Publica, e dali serem remetidos para a Academia Real das Sciencias de Lisboa, se S. Exa. o Ministro assim o determinar.” (Cardoso, 2006:327)

A “digressão” pelas terras de Mértola deu origem à publicação da obra “Antiguidades de Mértola observadas em 1877” concluída em Junho de 1879 e publicada em 1880, pela Imprensa Nacional.

Ainda que tenha regressado a Mértola, para novas escavações, esta tão breve passagem e tão notável conjunto de descobertas deixou em Estácio da Veiga o sentido de obra não acabada. A propósito das escavações na encosta nobre do castelo escreveu: “Tive pois de abandonar este importante descobrimento, de prescindir da exploração do corredor subterrâneo [criptopórtico], a que chamam boca do inferno, de deixar entulhada a porta falsa do castello e o seguimento do seu caminho (...)” (Veiga, 1983:20). E no volume II das “Antiguidades Monumentaes do Algarve” diz em relação à zona necrópole paleocristã do Rocio do Carmo: “Não tive tempo em Mértola para pôr á vista a célebre igreja Myrtilense, cuja sede reconheci, nem o seu vasto cemitério contíguo, d’onde podéra ter extraído numerosos craneos”. (Cardoso, 2006:330)

Indiscutivelmente, Estácio da Veiga será um nome que ficará para sempre ligado ao pioneirismo da investigação arqueológica em Portugal e a sua passagem e intervenção, em Mértola, ainda que breve, foi uma das mais significativas precursoras da investigação arqueológica que, um século depois, foi retomada com o trabalho do Campo Arqueológico de Mértola.

O espólio arqueológico descoberto por Estácio da Veiga em Mértola, está hoje em grande parte, depositado nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa.

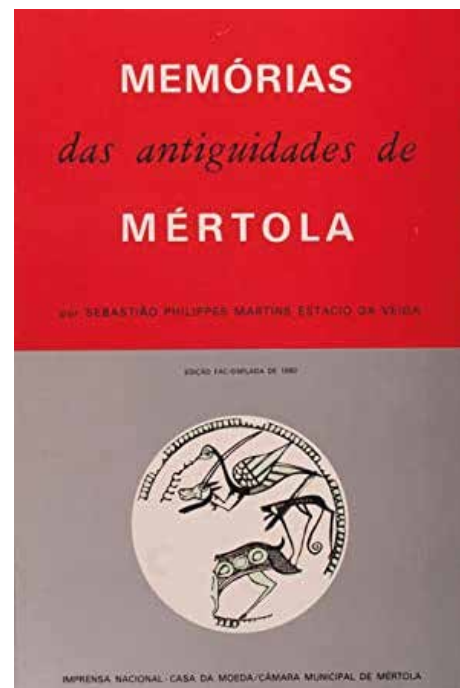
CARDOSO, J. L. (2006). *Estácio da Veiga e a Arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista. Estudos Arqueológicos De Oeiras*, 14, 293-520.

Obtido de <https://eao.cm-oeiras.pt/index.php/DOC/article/view/112>

GOMEZ MARTINEZ, Susana, LOPES, Virgilio *Trabalhos arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola. Xelb. n.º 7. Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga – (Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006) pp. 269-288*

Obtido de <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2282>

VEIGA, E. S. Ph. M. (1983) *Memórias das Antiguidades de Mértola, Imprensa Nacional Casa da Moeda - Câmara Municipal de Mértola.*





B
I
B
L
I
O
T
E
C
A

LER



Caras decoração

Para quem se interessa por decoração ou quem precisa de ideias ou pormenores para retocar a casa.



SIGURDARDÓTTIR, Yrsa – **Lisboa Reykjavik: o silêncio do mar**. Lisboa: Quetzal, 2019
Um iate de luxo abandona o porto de Lisboa tendo como destino Reykjavik, na Islândia. Porém, quando chega ao destino, alguns dias depois, não se encontra ninguém a bordo. Este é o ponto de partida deste misterioso romance. Para os amantes do policial.



MIRANDA, Joana; NEVES, Sofia – **A minha família é a melhor do mundo. E a tua?** Maia: Isto é, 2017
Rui João, um menino de 9 anos, escreve uma carta a Yuan, uma amiga na China. Aí fala da sua vida e da sua família que é, no seu entender, a melhor do mundo. Um livro que fala, da família, nas suas diferentes constituições. Um convite para repensar o conceito de família e desconstruir estereótipos. Um livro sobre famílias felizes.

OUVIR



CID, **Matilde – Puro** [registo sonoro]. Lisboa: Museu do Fado, 2019

VER



JENKINS, Barry – **Se esta rua falasse** [registo vídeo]. Santa Maria da Feira: Pris Audiovisuais, 2019
Passado no bairro de Harlem, em Nova Iorque, no início dos anos 70 esta, simultaneamente, uma história de amor de um jovem casal e de uma comunidade.

espaço autor

Manuela Barros



Bibliografia em destaque

A cor das nuvens, com ilustração de Nádja Torres, Edições Afrontamento, 2003 | O Medronho - L Madronho - El Madroño [português, mirandês e castelhano] edição trilingue das Edições Afrontamento, novembro de 2015 (íntegra do Plano Nacional de Leitura) | Contos de Querer e Poder com ilustração de Manuela Bacelar Edições Afrontamento, março de 2017 | A Senhora de Todas as Mortes, Edições Afrontamento, junho de 2018.

Escrever

Pergunto-me hoje em que momento a escrita irrompeu na minha vida como realidade paralela.

O meu primeiro poema, de 1972, era dedicado à Pietà de Miguel Ângelo, no dia seguinte a ter sido mutilada por um vândalo. Atravessada pela dor universal daquela mãe, escrever foi uma espécie de catarse, uma assunção de todos os males do mundo a partir dos meus, ínfimos.

Entre os estudantes que então se reuniam em nossa casa de Bucareste havia poetas que nos levavam palavras inopinadas, modificadoras, feitiços que lançavam sobre o quotidiano, tornando alguns momentos pequenas faíscas de felicidade ou de humor cintilante. Mesmo o mais prosaico – o que comprava livros pela sua macieza e cheiro, não pelo seu conteúdo – contava histórias inacreditáveis como sendo verdades acontecidas. E esse foi o ambiente original do novo pendur que me tomava.

Depois, no regresso a Portugal, foi a prisão de Caxias uma pausa forçada entre a vida no exílio e a nova vida que me esperava. Aí, o dia era dividido entre um longo tempo diante dum bloco de papel e a hora no terraço do recreio, uma hora ínteira contemplando as nuvens. Acompanhar

a sua incansável mutação era a única maneira de me evadir das grades. Não imaginava que um ano depois, a Liberdade de Viver para todos os portugueses viria a eclodir repentinamente, de noite para o dia.

E depois dos cravos, demasiado ocupada, não escrevia senão nos cadernos que levava para os inquéritos dialectais e nas cartas que enviava para os meus amigos. Mas o meu ofício era precisamente estudar palavras vindas do fundo dos tempos, cada uma com a sua história. Vi como as palavras são mais resistentes que as pedras e como, muitas delas, nos deixam decifrar algo de mundos já perdidos. E a essa indagação dediquei 25 anos.

Só depois de reformada tive tempo para contar estórias. Escrever o que me passa pela cabeça continua sendo o meu modo de transformar momentos em centelhas partilhadas. O que procuro é mostrar que cada pequeno acontecimento da vida, quando transposto para palavras, ganha a leveza de uma nuvem e ... ou perde gravidade ou encontra sentidos que nos fazem suportar melhor o vento que sopra. Porque nós próprios somos como nuvens, com o seu privilégio de podermos reflectir a luz e criar arco-íris na íris dos outros.

Manuela Barros

Para ler ... recomenda

"ORION"

Mário Cláudio, ed. D. Quixote, 2003:



Mário Cláudio, "Orion", ed. D. Quixote, 2003: livro de muitas magias e constante fascínio. Trata do que aconteceu a sete das numerosas crianças judias que foram deportadas para a ilha de S. Tomé no tempo de D. João II. O narrador é uma delas.

Prosas

LUZ SOMBRIA

A mais inesperada imagem que eu vivi nesta terra foi feita de escuridão.

Ela não me teria acontecido se naquela tarde o João Honrado não estivesse presente. A dádiva de si e as dádivas que recebeu estavam-lhe tão vivas na voz e no vulto que sempre nos sentíamos impelidos a confiar-lhe os pequenos segredos e as pequenas descobertas com que a vida nos aquece.

A meio da tarde, uma tarde de sol frio, vamos ambos à Biblioteca procurar um livro. Ele quer que eu leia a Planície Heroica do Manuel Ribeiro, não pelo seu conteúdo católico e apostólico, no pólo oposto ao do Crime do Padre Amaro, mas pela riqueza do seu vocabulário alentejano, com termos antigos que circulavam em 1927 e que a própria mãe do João usava. Atende-nos a Isabel Martins que a certa altura dá em falar das obras que vão ampliar aquele edifício. Trata-se da antiga cadeia, que o 25 de Abril converteu em biblioteca pública, numa bela metáfora arquitetónica de Liberdade Conquistada. É muito pequena, que os criminosos não seriam muitos em tão pacata vila.

- E aqui vai haver um elevador. E ali passa a ser o espaço multimédia. E aqui... aqui é o depósito. Venham ver.

- Não vale pena, Isabel, um depósito é um depósito...

- Não não, este é diferente. Venham.

Entramos numa salinha cheia de estantes corrediças. Fecha a porta atrás de nós. Apaga a luz. Ficamos dentro do mais puro breu.

- Olhem para cima.

Olhamos. Não vemos nada.

- Não vêem nada?

Parece-nos então vislumbrar um pequeno recorte cinzento ao alto. Fincamos a vista. Uma luz como de lua enevoadada recorta um minúsculo quadrado no meio do negrume. É tão tênue que parece uma aparição fantasmal.

- Que é aquilo?

- Aquilo é o dia. Esta era a cela do isolamento.

Ficamos ali um pedaço, de nariz no ar, na esperança de que através do vidro inacessível, quase opaco de tão sujo, a luz se faça alguma luz - mas mais luz não há. Aquela amostra de luar doente repõe em nós as aflições dos presos. Tremo de me pensar ali durante semanas. O quadrado ao alto seria certamente para mim o verdadeiro nome de Deus. Tanto aquela palidez desmesura o vazio do escuro.

Manuela Barros | Mértola, 29 de Janeiro de 2003

Licença poética

Poetas do GHARB AL-ÂNDALUS Santiago Macias

Ibn al-Milh viveu em Silves, no século XI. O episódio que se segue foi relatado pelo poeta Ibn Habus:

"Cheguei um dia a Silves, depois de ter estado três dias sem comer. Perguntei a quem me poderia dirigir naquele local e um habitante indicou-me Ibn al-Milh. Fui então à oficina de um encadernador que, a meu pedido, me deu uma pele muito fina e um tinteiro, e escrevi versos em louvor daquele de quem me tinham dito o nome; fui depois a sua casa. Encontrei-o no vestibulo e ele respondeu de forma muito graciosa à minha saudação, acolhendome da forma mais amável: "suponho, disse-me, que és estrangeiro". Assim é, respondi. "E a que classe de homens pertences?". Sou, respondi, um literato, um poeta, quero dizer, e pus-me a recitar os versos que tinha acabado de escrever. Ouviu-os muito bem, convidou-me a entrar e, fazendo que me servissem de que comer, conversou comigo com uma amabilidade que nunca tinha visto. Quando pedi licença para me ir embora, saiu e voltou a entrar, seguido por dois criados que traziam um cofre, que fez pousar à minha frente. Abriu-o e tirou de dentro 700 dinares almorávidas, que me deu. "Toma o que é teu", disse-me, entregando-me mais uma bolsa contendo 40 meticais, "isto é mais uma prenda minha". Surpreendido com as suas palavras, que eram para mim um verdadeiro enigma, perguntei de onde vinha "o que era meu". "Fica a saber, respondeu, que pus de parte uma das minhas propriedades, cuja receita anual é de 100 dinares, que destino a poetas. Acontece que nenhum me procurou, nos últimos sete anos, devido aos problemas que assolam o território, e foi assim que se acumulou a soma que te é entregue. Quanto aos 40 meticais, são dos meus rendimentos pessoais". Foi assim que entrei em casa dele esfomeado e pobre e saí saciado e rico".

Passagem da Histoire des Almohades, de Abd al-Wahid al-Marrakushi, escrita em 1227 d.C..

Ibn al-Milh – poeta e mecenas

*O jardim brinca com o zefiro
e parece convidá-lo para te atrair
da alba à báquica tertúlia.*

Está ébrio do jugo dos seus ternos ramos.

*E quando comovedores o cantam os seus pássaros
repete a canção.*

*Aí não faltam as flores que com seus olhos
parecem erguidas em lugares propícios
para expiarem os amantes.*

*As flores ressaltam sobre as folhas verdes
como a luz se revela mais brilhante
num fundo de trevas.*

In Antonio Borges Coelho (organização, prólogo e notas), Portugal na Espanha Árabe, vol. IV, Lisboa, Seara Nova, p. 365-366



A PROPÓSITO DE... árvores e agricultura

Excerto da exposição do magistrado territorial Gervásio de Almeida Pais à rainha D. Maria II (em 1789) sobre o estado da agricultura de Mértola.

" (...) o fundamento mais sólido para a geral felicidade consiste na agricultura, e esta no meu distrito se acha em total decadência, por indolência e falta de indústria dos seus habitantes, que apesar da miséria e pobreza, que de dia em dia vai tomando novos alentos, não despertam do letargo para mudar de sistema, abrirem os olhos aos seus próprios interesses, faltaria eu ao meu dever se não expusesse a Vossa Majestade a causa da referida decadência, o meio de restituir a verdadeira cultura nestas terras, e conseguir assim com o interesse de cada um dos indivíduos a pública utilidade de todos, providenciando Vossa Majestade o que parecer mais acertado.

Persuadido este povo de que a agricultura só consiste na lavoura das terras e na criação dos gados, tem posto em total desprezo a dos arvoredos, sem advertir que estes ramos se ajudam uns aos outros, conservando entre si uma mútua e reciproca dependência; de forma que desprezando um deles, será coisa impraticável conseguir o aumento e perfeição dos outros. Essa verdade vejo eu aqui verificada com prejuízo de todo este Povo, na grande mortandade dos seus gados, em cuja criação mais se interessa, ocasionada umas vezes por falta de pastagens, porque os campos despídos de arvoredos e expostos aos ardores do Sol se tornam mais áridos e secos, e na falta de humidade e frescura da terra não podem conservar-se as ervagens e fenos necessários para o sustento dos mesmos gados; os quais, outras vezes, morrem repassados já dos frios, e já dos calores, na falta de arvoredos em que possam abrigar-se. Mas, apesar de tão sensíveis e frequentes exemplos, tem continuado o mal sem se examinar a sua origem e causas de que procede (...)."

Fonte: SOUSA, Fernando de, COSME, João, ALMEIDA, Fernando de, LOPES José da Cruz, Nazareth Manuel, Rocha Ricardo (2016) Alentejo: população e economia em finais de Setecentos. CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Porto. pp. 148-150.

AR

QUI

TETU

RAS

A

SUL

O Pátio

O pátio é uma unidade estruturadora da habitação e um elemento de transição entre interior e exterior, polivalente, palco de inúmeras tarefas do quotidiano.

O pátio é um espaço privado e descoberto, de maior ou menor área, limitado por paredes, muros ou vegetação, pertencente ao edifício, podendo tomar diversas formas e ser pavimentado ou não.

É também um espaço que proporciona ventilação e luminosidade natural às divisões que dele desfrutam. Pode situar-se como entrada numa casa, em posição centralizada em relação a esta, ou junto aos limites como logradouro.

O pátio, na sua funcionalidade, surge na maioria dos edifícios como centro, origem. Um espaço organizador, que ordena, relacionando de forma inteligente as diferentes partes da habitação. Aglutina ou separa; desenha a forma; age como controlador climático da luz e do vento; surge como jardim florido ou sala ao ar livre, plataforma polivalente que se estende da casa ou para a casa.

O pátio, para lá da sua materialidade, é um “lugar”, tomando como pressuposto que o “lu-

gar” alude à vivência do espaço, à memória e às emoções que o espaço físico e arquitetónico proporciona.

A origem da tipologia pátio estendendo-se desde as habitações de antigas comunidades, às grandes civilizações pré-clássicas, transpondo-se também para as clássicas até à atualidade. Desenvolveu-se durante todos os séculos da humanidade e em todos os locais do mundo, mostrando-se flexível o suficiente para responder a diversas necessidades culturais (dos povos) e físicas (dos locais). Na Arquitetura a Sul, o pátio, decorre de uma herança arquitetónica essencialmente árabe, revestida de aspetos de funcionalidade e por outros de implicação cultural e religiosa.

Num contexto urbano de maior densidade, de estreitamento das ruas e de habitações mais exíguas, com conseqüente iluminação e ventilação menos funcionais, as casas dos bairros islâmicos abriam-se para o exterior em forma de pátio. Este espaço equilibrava as estruturas criando uma zona protegida, aberta à luz e ao ar, possibilitando o acesso às várias divisões da casa. No clima quente, enquanto resposta bioclimática, o pátio islâmico

providenciava frescura e sombreamento, por vezes com vegetação interior e alguns pontos de água - chafarizes e pequenos lagos, assumindo também uma dimensão estética e aromática.

O pátio era ainda um lugar de recolhimento. A “Casa Pátio” muçulmana “É um modelo de casa voltada para o interior, em que a salvaguarda do ambiente doméstico adquiria uma importância primordial, formalizada pela entrada em cotovelo e pela presença do pátio.” (COSTA, 2015: 151).

O pátio acompanhou a evolução do traço arquitetónico das casas até aos nossos dias, num exercício de reinterpretação e inovação constante.

Num contexto de arquitetura popular local, o pátio interior é mais frequente num contexto urbano mais denso, como o da vila intramuros. Aqui e ali, de cada um dos patamares do soalco da vila velha é possível deslumbrar estes lugares de recato, ladeados por muros altos. O espaço é invariavelmente ocupado por vasos ou canteiros de flores e ervas de cheiros, um limoeiro, laranjeira ou uma parreira, ou então todos. E, não raras vezes uma mesa, cadeiras e um estendal.

COSTA, Miguel Reimão (coord.) - Mértola: a arquitetura da vila e do termo. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, cop. 2015.

TAVARES, Luís de Brito in “A casa pátio como modelo de habitação contemporânea.







MÃOS
MANUA
LIDADES

A ARTE DE FAZER COM AS MÃOS

Fio e Fiadeira

Vitalina Maria

Vitorina Maria, 75 anos, moradora em S. Pedro de Sólis, logo ali ao lado do edifício da Junta de Freguesia.

A D. Vitorina nasceu num monte próximo de S. Pedro - o Zurral e aí viveu a sua infância, mudando-se mais tarde para a aldeia.

Recorda com saudade a sua mãe Perpétua Maria, tecedeira de profissão, das poucas que fazia vida disso, naquela zona. Ela ia a todas as feiras, mas a melhor era a de Castro Verde, *agora não é nada daquilo que conheci antes. Mas havia também a de Odemira, a do Lombadouro, o mercado de Beja, que era todos os meses, e ia também à feira de S. Mateus em Mértola. Na altura toda a gente usava destas mantas, desde os lavradores até aos moirais. A minha mãe fazia também xales e meias de lã que vendiam muito bem. Havia um senhor da Sete, que negociava em mantas, e chegava a comprar tudo e depois ia vender no norte.*

A D. Vitorina não chegou a aprender o ofício de tecedeira, mas sabe todos os segredos que antecedem a arte final da tecelagem.

Aprendeu a fiar quando era gaiata mas dedicou-se à costura, era o *que gostava...* Quando o trabalho da mãe *apertava* sempre lhe dava uma ajuda, a fiar.

Fiar é, ainda hoje, a sua especialidade, aquilo que gosta de fazer. Ao lado da sua banca de fiar, lá vai girando a roda, arqueando o braço, puxando a lã para não empedçar, deixando, logo de seguida, o fio retomar o seu caminho, com cuidado, para não o partir. De quando em quando, vai tirando uma ou outra impureza, de forma a que a lã fique toda limpinha. Antigamente chegava a fiar 10 ou 12 meadas de lã por dia. Agora já fia pouco, também não há tanta saída ... mas mesmo assim *vai fiando para vender para fora, para Lisboa, para uma casa de uma senhora que se especializou na venda de lãs. Aí só entram as melhores...e dali vai para o mundo inteiro.*

E lá deixámos a D. Vitorina, sempre com o seu sorriso jovial, contagiante. Ainda nos perguntou se queríamos saber mais coisas, como que a dizer que a arte da tecelagem acumula variados conhecimentos ancestrais de vidas de pastores, fiadeiras, cardadores e tecedeiras, domínio onde, ao contrário de nós, é especialista porque depositária das memórias de muitos...





TA
S
E
N

A B
E R
T A

TWELVE NO. 020 ASSORTED COLORS

School Crayons

AMERICAN LEAD PENCIL CO.

NEW YORK

NO. 020
TRADE MARK
REG. U.S. PAT. & TM. OFF.

CONSTRUIR COLETIVAMENTE

um futuro desejável e possível para Mértola

João Ferrão | Geógrafo | Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Joao.ferrao@ics.ulisboa.pt

Não há futuro sem sonho. É o sonho que alimenta a nossa imaginação, que nos dá alento, que nos permite voar. Mas também não há futuro sem um diagnóstico aprofundado da situação de partida, isto é, da realidade presente. É a partir desse diagnóstico que conseguimos identificar com rigor as condições de mudança, os obstáculos a superar, as potencialidades a valorizar, os atores a mobilizar, os caminhos a percorrer. O sonho indica-nos futuros desejáveis. O conhecimento da realidade sugere futuros possíveis. Necessitamos de ambos: sonhos sem sustentação suscitam expectativas irrealistas que conduzem inevitavelmente ao insucesso e ao desânimo; mas a descrença da possibilidade de mudanças transformadoras leva a aceitar futuros condenados pelo passado recente e pelo presente, marcados pela inevitabilidade do declínio, da marginalização, da morte por inação. É, pois, de futuros simultaneamente desejáveis e possíveis que temos de falar. De projetos coletivos, partilhados e mobilizadores que não ignorem as fortes limitações estruturais existentes, mas que não vejam nessas limitações uma razão ou um pretexto para aceitar como inelutáveis tendências persistentemente negativas.

O município de Mértola, em perda demográfica desde a década de 1950 (de mais de 29 mil habitantes passou para perto de seis mil em 2018) e em acentuado envelhecimento desde essa mesma data (cerca de 9.500 crianças com 14 ou menos anos em 1950; menos de 600 em 2018), é um excelente exemplo da situação referida. Será possível estancar esta dupla perda, quantitativa e qualitativa, de vida humana? E será necessário inverter essa acentuada quebra demográfica para iniciar um novo ciclo de desenvolvimento?

Nos últimos anos tem-se discutido bastante o futuro dos designados territórios de baixa densidade. Contudo, esse debate é não raro enviesado pelo facto de se identificar a palavra “densidade” com “densidade demográfica”. Essa identificação constitui um duplo erro. Por um lado, a perda de população de uma dada área, e portanto a diminuição da densidade demográfica, não é necessariamente negativa. É preferível um município ter dez mil habitantes com a maioria a viver em condições miseráveis, como sucedia em grande parte dos concelhos rurais portugueses até aos anos 1950, ou alojar metade ou um terço dessa população garantindo qualidade de vida nas suas habitações, nos locais de ensino e trabalho, nos espaços públicos? Por outro lado,

a evidência empírica de regiões com características distintas e de diferentes países revela que é mais penalizadora a baixa densidade relacional do que a baixa densidade demográfica, desde que esta última não atinja limiares tão baixos que inviabilizem a existência de equipamentos e a provisão de serviços de interesse geral (educação, saúde, comunicações, etc.).

A densificação das relações entre pessoas e entre instituições é, pois, uma aposta decisiva para territórios como o município de Mértola. Essa densificação tem duas dimensões, uma local e outra supralocal.

Promover as condições de interação interpessoal e interinstitucional ao nível local nem sempre é fácil: desconfiança, conflitos e segmentações do mais diverso tipo ganham, muitas vezes, uma importância desproporcionada apenas explicável por uma proximidade física continuada. Ao contrário da visão romântica e distante de alguns, as comunidades locais raramente se caracterizam pelo predomínio de relações harmoniosas baseadas numa cultura de identidade, reciprocidade e solidariedade. Além disso, em áreas onde as instituições são em número reduzido, com legitimidades diferenciadas e poderes assimétricos, as relações pessoais entre os líderes dessas instituições contam em geral bastante mais do que as relações formais de âmbito estritamente institucional. Ora Mértola não possui muitas instituições, mas dispõe de um leque notável de organizações que se complementam e completam no que se refere a competências, domínios de intervenção e iniciativas, sendo umas públicas (Câmara Municipal, Escola Profissional, Parque Natural do Vale do Guadiana) e outras privadas (Campo Arqueológico de Mértola) ou associativas (Associação de Defesa do Pa-

trimónio de Mértola). Estas instituições contam já com um lastro significativo de colaboração e de participação em iniciativas conjuntas, e beneficiam até do que poderá constituir uma eficaz marca federadora da sua ação - Mértola, vila de Museu - desde que baseada numa visão integrada de património cultural, natural e paisagístico de valia nacional e internacional.

Mas a densificação relacional envolve outros atores (instituições do ensino superior, operadores turísticos, empresas, etc.) e outras escalas (regional, transfronteiriça, internacional) que proporcionam um âmbito de intervenção e um grau de ambição que as instituições locais jamais poderão atingir por si próprias, mesmo que atuando de forma articulada. Estas redes de interações viabilizam a mobilidade de ideias, informação, conhecimento e pessoas, contribuindo para o que tecnicamente se designa por “dimensão emprestada”. Em suma, a “dimensão” de Mértola não corresponde apenas ao total de habitantes, de instituições e de empresas que aí vivem ou desenvolvem a sua atividade. Ela será tanto maior quanto mais densas, diversificadas e qualificadas forem as relações duradouras de cooperação e de intercâmbio envolvendo pessoas e instituições que permitem integrar Mértola em espaços criativos, produtivos e de mobilidade internacionais ou mesmo globais. Por outras palavras, se é verdade que a sangria demográfica que afeta o município desde a década de 1950 constitui um fator debilitante indiscutível, não é menos certo que há espaço para aumentar a “dimensão” de Mértola através da regeneração do ambiente inibitório hoje prevalecente a partir de formas de governança inclusivas e duradouras baseadas na confiança pessoal e na colaboração institucional ao nível local e no contributo energizante de redes e parceiros qualificados ao nível internacional.



Mértola Future Lab_Programa de Voluntariado.

Um futuro desejável e possível resultará sempre da combinação do sonho com diagnósticos rigorosos. Essa combinação apenas será exequível no âmbito da construção de uma estratégia transformadora que defina as finalidades visadas, as metas a alcançar, os meios a mobilizar, os caminhos a percorrer e, não menos importante, as formas de governança de um processo que será inevitavelmente dinâmico e evolutivo. Uma estratégia que resulte de um amplo debate envolvendo cidadãos e instituições de Mértola, mas também pessoas e organizações que possam conferir “dimensão emprestada” através da integração dos atores locais em redes qualificadas de âmbito regional, nacional e sobretudo internacional.

Osgas

Na tradição popular gozam de uma péssima reputação. Têm a fama de animal venenoso e peçonhento. Acusações infundadas, pois as osgas são absolutamente inofensivas e muito úteis no controlo de insetos indesejáveis.

Na área do Parque Natural Vale do Guadiana ocorrem duas espécies de osga: a mais comum aqui e distribuída por todo o território nacional é a designada osga-moura ou osga-comum (*Tarentola mauritanica*) e; a mais invulgar, circunscrita ao Vale do Guadiana, algumas zonas do interior alentejano e ao Algarve é a osga-turca (*Hemidactylus turcicus*).

A primeira, é uma osga de tamanho médio, atingindo cerca de 8,5 cm. Tem um aspecto achatado, com uma grande cabeça bem destacada do corpo, com olhos grandes e redondos. Com quatro membros pentadáctilos (com cinco dedos). Os dedos têm lamelas (lâminas) digitais não subdivididas centralmente e as unhas só são visíveis no 3º e 4º dedo. E estas duas características permitem distingui-la da osga-turca (*Hemidactylus turcicus*). A variação da coloração é muito grande, dependendo do estado fisiológico. Geralmente a parte dorsal é esbranquiçada ou acinzentada e com tons de castanho, podendo observar-se ban-

das transversais claras e escuras. O ventre é esbranquiçado, por vezes com tons cremes, amarelos ou cinzentos. Quando se sente em perigo perde a cauda, mas tem a capacidade de a regenerar. Porém, a cauda regenerada é mais lisa e curta e nunca recupera a cor original.

A osga-turca (*Hemidactylus turcicus*) é mais pequena e esbelta que a osga-comum, tem a cabeça estreita e triangular, com o focinho arredondado. A cauda, de forma cilíndrica, é comprida e afilada. Todos os dedos têm lamelas (lâminas) subdivididas centralmente e unhas fortes e curvadas. Tem aspeto translúcido e cor clara, rosada ou creme, por vezes com manchas mais escuras na cabeça e no corpo ou com bandas escuras na cauda.

Ambas as espécies estão associadas a habitats rochosos, como rochedos, muros, montes de pedras e paredes de casas, podendo também viver em troncos de árvores. Por norma, as duas espécies não partilham a mesma área. Quando repartem o mesmo muro ou parede, a osga-comum prefere os locais mais altos, enquanto a osga-turca usa os locais mais baixos.

São répteis extremamente ágeis, rápidos e excelentes trepadores. A sua capacidade de se manterem em superfícies verticais e andarem no tecto de cabeça para baixo, não se deve a ventosas ou a superfícies pegajosas, mas a imensas micropilosidades (nanoestruturas) que possuem nas lamelas das patas que funcionam como um velcro através de interações eletrostáticas (forças designadas de Wan der Waals). Estas micropilosidades com capacidade de estabelecer interações eletrostáticas evoluíram em momentos e complexidades diferentes, mas com a mesma função, em os-

gas, aranhas e insetos. No caso das osgas a força criada pode mesmo suportar um peso equivalente a 50 vezes o peso da osga. Quando querem deslocar-se, as osgas “como que desligam” a sua aderência e de um momento, para o outro podem estar a correr pela parede a uma velocidade equivalente a vinte vezes o tamanho do corpo por segundo. Perante tamanha capacidade, as osgas têm sido objeto de vários projetos de investigação, que procuram recriar sinteticamente um sistema de aderência que se equipare ao das suas patas.

Ambas as espécies, aqui descritas, alimentam-se essencialmente de insetos e aranhas. Esporadicamente também consome elementos vegetais. As osgas de maiores dimensões podem ainda predar pequenas lagartixas ou outros vertebrados. Geralmente identificam as presas pelos movimentos. Entre os inimigos naturais da osga incluem-se vários répteis, como o sardão, a víbora-cornuda, a cobra-de-escada, mamíferos como os gatos domésticos e as genetas e aves como as corujas.

Geralmente hibernam de novembro ou dezembro até março. No entanto, nas regiões mais quentes podem observar-se indivíduos mesmo durante o inverno. Ao longo do verão

apresentam atividade crepuscular e noturna, mas em dias mais frescos, na primavera e outono, também podem ser observadas durante o dia.

As osgas são animais curiosos, além da sua enorme capacidade de se fixarem a superfícies verticais, têm também a faculdade de mudarem de cor conforme as condições do meio em que habitam e o seu estado fisiológico. Outra particularidade desta espécie é a perda da sua cauda quando se sente ameaçada que se regenera naturalmente com o tempo. Para além disso, quando são capturadas emitem sons iguais aos que utilizam para comunicar entre si. São répteis que podem viver até 4 anos em ambiente natural e 9 anos em cativeiro.

São pouco tímidas, podendo ser facilmente observadas nas paredes de casas ou em muros. Gostam de ficar perto de lâmpadas acesas, já que as luzes atraem muitos dos insetos de que se alimentam.

Fonte: Loureiro, Armando; Almeida, Nuno Ferranda de; Carretero, Miguel A. e Paulo, Octávio S. (Coord.) Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal. Esfera do Caos Editores. ICNF | Naturlink, Ficha da Osga-Comum e Ficha da Osga-turca.



Osga Turca (*Hemidactylus turcicus*)
ilustração. Isabel Tojo

Ver, Sentir, Perceber, a Biodiversidade em Mértola

Luís Mendonça
Professor Auxiliar
Faculdade de Belas Artes
da Universidade do Porto

A riqueza humana, paisagística e biológica de um lugar é um dado adquirido. Mas a realidade apresenta-se-nos dispersa e caótica. E pode ser concentrada, para ser melhor explicada e melhor compreendida, requalificando o modo de ver e de viver (n)o lugar. **O Vale do Guadiana vai ter a sua Galeria da Biodiversidade. O projeto em curso trará uma nova perceção da região e promover novas relações, dentro e fora de portas.**

A natureza oferece-nos, na espetacular diversidade dos seus problemas e das suas soluções, uma riqueza estética que desafia a nossa imaginação. Por isso, comunicar, exprimir, ilustrar, informar, demonstrar, sugerir, sensibilizar, dar perceber e a compreender a biodiversidade é um desafio que só pode ser assumido, para além do rigor científico, com grande exigência estética: num museu que queremos ativo e proativo, nas ligações entre a vida natural e a vida humana, na experiência e na reflexão, no conhecimentos e práticas interdisciplinares, o design e a arte têm um papel crucial.

O diálogo entre objetos, fenómenos e metáforas museográficas está a ser cuidadosamente orquestrado em todos os aspectos visuais, espaciais e textuais: cores, volumes, expressões, relações, dimensões, escalas, materiais, ergonomia, ambientes, iluminação, espaços, ritmos, percursos, circuitos, textos, sinalética. A tradução museográfica das narrativas constitui, a montante e a jusante, um desafio poliédrico, com inúmeras preocupações. Por exemplo: conjugar rigor técnico, científico e artístico para o visitante especialista com propostas

acessíveis ao público em geral, crianças, famílias; minimizar os custos e maximizar os resultados e efeitos pretendidos - e garantir uma manutenção futura economicamente razoável.

Do trabalho preliminar e de todas as nossas reuniões resultou, entre as muitas possibilidades que fomos colocando, uma síntese em dez módulos com os seguintes tópicos: 1. Diversidade Biológica: Vale do Guadiana, Alentejo, Mediterrâneo; 2. Porquê Preservar a Biodiversidade: os princípios Estético, Ético, Económico e Científico; 3. Seleção Natural: Os seres escondidos; 4. Seleção Artificial: Domesticação do Trigo; 5. Seleção Sexual: Sobrevivência do Genes; 6. Recursos Silvestres: A preservação de Habitats e da paisagem; 7. Predadores e Presas: Teia trófica; 8. Diversidade de Cores: Cores, Imagens, Sons; 9. Como se formam as espécies: Especiação; 10. Os habitantes do rio: A Vida no vale do Guadiana.

Sendo uma espécie de índice de um livro sobre a região, este museu ambiciona ser muito mais do que um museu de ciência: Do rio à seara, da abetarda à azinheira, das ossadas ao lince, das alterações climáticas ao património geológico, será um lugar onde os cinco sentidos - olfacto, visão, tacto, paladar e audição - do visitante serão desafiados.

Estamos a falar de um espaço com forte apelo às emoções e ao intelecto, com potencial educativo,

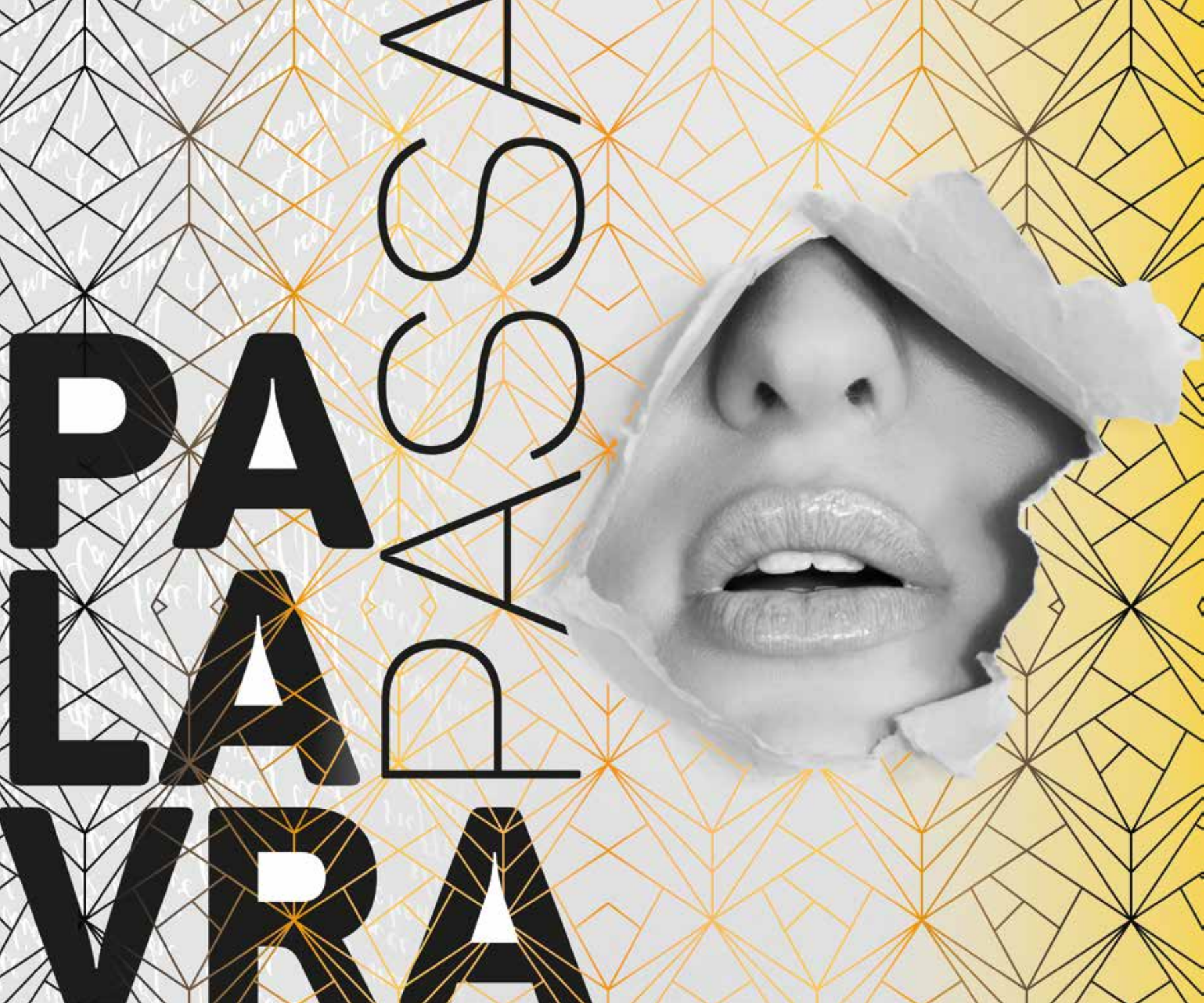
turístico, económico, científico, lúdico, social, artístico, cultural. Coloca Mértola na rota das cidades com museus do século XXI e tem em cada visitante um embaixador: quem vive na região ou na cidade ganha apetite para visitar e voltar. Quem visita a região e a cidade toma contacto privilegiado com as qualidades locais, tornando-se um embaixador (inter) nacional.

Galeria da Biodiversidade de Mértola. Jorge Rosa e Rosinda Pimenta (Câmara Municipal de Mértola), Nuno Ferrand e Paulo Célio (CIBIO-Universidade do Porto), ANC Arquitetos e Luís Mendonça (design/ coordenação), com uma equipa de trabalho constituída, neste projeto, por Paula Ribas (arquitetura), Emílio Remelhe (literatura/copywriting) e Hernán Crespo (Museologia).

O projeto Galeria da Biodiversidade é um projeto promovido pela Câmara Municipal de Mértola ao abrigo do programa Alentejo 2020.



Ovos de diversas espécies de aves, Galeria da Biodiversidade (pormenor de módulo expositivo)
créditos: MHNC-UP, 2016



PARADISE



CARAVANA AGROGEOLOÓGICA EM MÉRTOLA

Sara Magalhães, Inês Costa Pereira, Carlota Sanches e Leonor R. Rodrigues - cE3c, FCU

A atual pandemia tem posto em causa as prioridades da sociedade atual. Por exemplo, foi-nos possível compreender a importância dos sistemas agrícolas sustentáveis com distribuição local para a nossa saúde e a do planeta. De facto, estas produções estão mais bem preparadas do que os sistemas em grande escala para fazer face a crises como a que enfrentamos, dado que promovem práticas sociais, económica e ambientalmente conscientes.

A produção alimentar, em particular a agricultura intensiva, acarreta sérios custos para o nosso planeta. Por exemplo, esta representa cerca de 1/4 do total das emissões antropogénicas de Gases de Efeito de Estufa, leva à erosão dos solos, reduzindo a sustentabilidade da terra, e destrói a biodiversidade que, entre outros benefícios, serve de tampão ao aparecimento de pandemias. É, portanto, urgente alterar os modos de produção e os padrões de consumo de alimentos, para que o ciclo de produtos agrícolas seja menos nocivo para o planeta. A Agroecologia pretende responder a esse desafio, ao agregar ciência, movimento social e práticas sustentáveis de agricultura (como a agricultura biológica, biodinâmica, sintrópica, regenerativa, agrofloresta) na prossecução de sistemas alimentares sustentáveis. Em suma, a Agroecologia promove a produção de alimentos que preservem os recursos naturais, que respeitem a cultura local, e que sejam socialmente justos e economicamente viáveis.

É certo que parte das decisões sobre os modos de produção agrícolas vêm de instituições grandes e distantes, sobre as quais é difícil influir. No entanto, cada um de nós pode atuar, tanto através do poder local, como das escolhas feitas enquanto consumidor. É exemplo disso o projeto comunitário Rede Alimentar de Mértola, que pretende promover o consumo de alimentos produzidos localmente e de forma sustentável. Este é também um dos objetivos do projeto Caravana AgroEcológica.

Desde Maio 2019, o projeto Caravana AgroEcológica (CA), facilitado pelo grupo de investigação da Professora Sara Magalhães do cE3c-FCUL (Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa), tem vindo a desenvolver quatro iniciativas, que decorrem de forma paralela, mas integrada.

- 1)** *Os Dias Abertos de Produtores, que procuram fomentar o consumo de proximidade de práticas sustentáveis de agricultura;*
- 2)** *As Hortas nas Escolas, que pretende criar uma comunidade de escolas com hortas;*
- 3)** *A Caravana AgroEcológica na Rádio, que consiste na realização de programas em rádios locais, onde se abordam temas relacionados com a Agroecologia;*
- 4)** *As Rotas da CA, inspiradas nas Caravanas Agroecológicas e Culturais do Brasil, que pretendem estreitar as redes e comunidades de Agroecologia em Portugal, levando representantes de várias áreas da sociedade (legisladores, poder local, investigadores, media, consumidores) a visitar experiências agroecológicas no território nacional, de modo a refletir sobre - e partilhar - a importância de um consumo alimentar sustentável.*

A CA assenta em metodologias participativas. Por exemplo, as Rotas da CA estão a ser construídas com as comunidades locais, a nível nacional. As primeiras reuniões de co-construção, onde se identificaram as experiências agroecológicas a visitar, decorreram em Faro, Fundão, Idanha-a-Nova, Mértola, Montemor-o-Novo, Ponte de Lima, Torres Vedras e Viseu. A reunião em Mértola, a 27 de novembro de 2019, contou com 29 participantes de Mértola, Beja e Serpa. Em breve, realizar-se-ão as segundas reuniões de co-construção, onde se desenharão os percursos das rotas.

As parcerias estabelecidas entre entidades interessadas em fomentar atividades que contribuam para a sustentabilidade do planeta, como a CA e a C.M. de Mértola, são essenciais para que se alcance uma mudança coletiva permanente nos nossos hábitos de consumo. Esta mudança já está a acontecer, resultado do esforço de coletivos, da construção de comunidades, da partilha de experiências e da co-construção de conhecimento.







SO

CIE

D A D E

RECREATIVA

JOGO DO XITO

Manuel Marques

Chefe da Divisão de Cultura, Património,
Desporto e Juventude da Câmara Municipal de Mértola

Praticado quase exclusivamente no concelho de Mértola, o Xito, também conhecido como “Xitro”, é um jogo tradicional jogado por homens, sobretudo nos meses menos chuvosos. Apesar de, na sua essência, se assemelhar ao jogo da malha, as diferenças são bastante significativas, no que diz respeito ao número de jogadores, à tipologia das malhas utilizadas e das regras que o suportam. Praticado por pessoas de todas as idades, desde os mais jovens aos mais velhos, é um jogo que premeia a força, a destreza, mas

sobretudo a coordenação. Contrariamente à malha, que necessita de um terreno plano para que as malhas possam escorregar, o Xito é jogado em locais onde existe rocha e é na rocha que é colocado o prego que serve de base para a colocação do malhão^{II}. As malhas ou patacos, feitas em ferro, têm forma circular e o seu peso pode variar entre, aproximadamente, os 300 gramas (as mais pequenas) e ultrapassar os 2,5 quilos (as maiores), sendo o seu diâmetro também variável, bem como a sua forma^{III}. É um jogo de equipa, sendo cada

equipa constituída por 3 elementos. Pode chegar aos 4 elementos ficando, neste caso, um como suplente. O objetivo do jogo é conseguir chegar aos 30 pontos. Espeta-se um prego no chão e por cima coloca-se o malhão. Mede-se, a passo, cerca de 13,5 m e sinaliza-se com uma pedra ou uma marca no chão (calhadouro). É a partir daí que os jogadores vão atirar as malhas, alternando um jogador de cada equipa.

Os jogadores que conseguirem derrubar o malhão (porrada) ganham 2 pontos para a sua equipa. No final de cada ronda, após os 6 jogadores terem jogado, a equipa que tiver a malha ou pataco mais próximo do malhão^{III} ganha 1 ponto. Durante a partida o responsável de cada equipa^{IV} pode Trucar^V ou Ruvidar^{VI}. O jogo pode ser levantado após um Truco ou um Ruvido. Nestes casos as equipas ficam com os pontos obtidos até então.

O jogo termina às 5 partidas, ganhando a equipa que conseguir 3 partidas. Os prémios para os torneios de Xito variam entre borregos, leitões, perus, galos, galinhas, ...

Há quem diga que a alteração do peso e diâmetro das malhas do Xito teve a ver com a organização de torneios/competições e a atribuição de prémios mais aliciantes. Apesar de menos praticado que anteriormente, o Xito continua a fazer parte da programação das coletividades locais do concelho de Mértola. É um jogo exigente do ponto de vista físico, mas fundamental do ponto de vista da socialização e da criação de laços intergeracionais. Longe dos palcos mediáticos de desportos de massas, ainda assim, muitos são os jogadores e equipas que se têm destacado neste jogo tradicional e são reconhecidos e “temidos” nos vários torneios em que participam. A sua singularidade, a saudável competição que proporciona aos seus praticantes, o convívio que favorece e o legado tradicional/patrimonial que encerra, são motivos mais que suficientes para acreditar que o Xito é património nosso e, por isso, deve continuar a ser fazer parte das atividades da nossa comunidade.

^Ipequeno tubo cilíndrico de metal com cerca de 10/12 cm de altura por 3 cm de largura

^{II}Algumas são rodas dentadas recuperadas de caixas de velocidade de carros que já não circulam

^{III}Também se chama “ganhar a mão”

^{IV}Também designado por “quem manda o jogo”

^VTrucar é apostar em como irá ganhar a mão à equipa adversária. Se isso acontecer, a equipa ganha 3 pontos ou 6 pontos dependendo se ganhou só a mão ou se tem mão e porrada. Para tal é necessário dizer antes de efetuar a jogada: - Truco!

^{VI}Depois do jogo estar “trucado” pela outra equipa, quem manda o jogo pode apostar em como irá ganhar a mão à equipa que “trucoou”. Para tal é necessário dizer: - Ruvido, antes do elemento da sua equipa jogar. Esta aposta aumenta o valor da jogada que foi Trucada, podendo chegar até aos 11 pontos com duas porradas e mão.

^{VII}“Levantar o jogo” significa terminar a ronda naquele momento, sendo que os jogadores que ainda não fizeram lançamento já o não poderão fazê-lo. Serão contabilizados os pontos efetuados até esse momento, tendo lugar uma nova ronda.



Foto cedida por André Marta Infante, tirada no dia de Páscoa, 11 de abril de 1971.



GAS
TRO
NOMIA

MERCADOS

O ABC das plantas comestíveis, aromáticas e medicinais

*Programa Nacional para a
Promoção da Alimentação Saudável*

As ervas aromáticas são plantas de pequena dimensão que fazem parte da cultura portuguesa, sendo a Península Ibérica um dos locais mais ricos de espécies identificadas. A sua utilização na cozinha realça significativamente o prazer ligado ao ato de comer, através da diversidade de aromas, cores e sabores que conferem aos alimentos, tornando as refeições mais agradáveis e atraentes. Na Pirâmide da Dieta Mediterrânica, as ervas aromáticas, encontram-se localizadas no grupo dos alimentos de consumo diário, sendo muito utilizadas em saladas, sopas, marinadas, carnes, peixes, chás, compotas, entre outros. No entanto, estas plantas também são conhecidas pelo seu papel na redução do consumo de sal.

C de ... Cardo-do-coalho Cynara cardunculus L.

Cynara cardunculus L., conhecida vulgarmente como Cardo-do-coalho, é uma planta perene, robusta, que se desenvolve espontaneamente em Portugal. Trata-se de uma espécie tolerante a condições ecológicas extremas, como as temperaturas elevadas e o stress hídrico que se faz sentir nos períodos do verão. Também designada por Cardo-hortense e Cardo-manso, esta planta, da família das Asteraceae, surge espontânea na Região Mediterrânica, incluindo em Portugal, em terrenos pedregosos, mas é também cultivada. A designação de Cardo-do-coalho advém do facto, de as flores secas deste cardo produzirem enzimas (cardosinas) responsáveis pela coagulação do leite que está na base de vários queijos regionais portugueses.

As folhas têm compostos bioativos e usadas em infusões, têm ação benéfica na melhoria da função hepática e da vesícula biliar, estimulam a secreção dos sucos digestivos, especialmente biliar, e reduzem os níveis de colesterol no sangue. Têm ainda propriedades como antirreumático, digestivo, diurético e hipoglicemiante.

O *Cynara cardunculus* é um dos cardos com maior potencial ornamental e paisagístico. De fácil germinação é uma planta perene pouco exigente quer de solos quer de água. Além das folhas, que podem atingir um tamanho considerável, esta planta oferece generosas e intensas florações entre Maio e Julho que são um eficaz chamariz para insetos e borboletas.

Antigamente, era ainda utilizado na alimentação, cozidos os talos das folhas com feijão ou grão.





Uma curiosidade...

O Centro de Biotecnologia Agrícola e Agroalimentar do Alentejo (CEBAL), sediado em Beja, está a desenvolver um projeto de investigação designado de ValBioTecCynara – Valorização Económica do Cardo (*Cynara cardunculus*): variabilidade natural e suas aplicações biotecnológicas. Entre a grande variedade de valorizações económicas para a *Cynara cardunculus*, o projeto visa abordar a caracterização genética, molecular, morfológica e bioquímica de diferentes variantes de cardo, como uma estratégia combinada para identificar, na variabilidade genética natural, indivíduos com determinados e específicos perfis. O projeto irá explorar rotas inovadoras no uso tradicional das flores (pistilos) para a indústria de produção de queijo; e desenvolver novos produ-

tos baseados nos compostos bioativos presentes nas folhas. Os genótipos selecionados serão preservados, com o estabelecimento de um campo experimental de cardo, a instalar em Beja, por forma a potenciar diversas futuras valorizações económicas da planta a nível nacional e internacional. Constatando-se a aptidão agronómica das populações de cardo existentes no Alentejo, com este projeto pretende-se a curto-prazo incentivar o cultivo/exploração do cardo, como cultura de elevado valor acrescentado no território do Alentejo.

Fonte: Salgueiro, José (2016) Ervas, Usos e Saberes – Plantas Medicinais no Alentejo e outros produtos naturais, 6ª edição. Edições Colibri.



Loja da Terra O Nógado

Os Nógados são, no Alentejo, uma especialidade gastronómica de grande importância. Este doce terá uma origem árabe, assente num doçaria tradicionalmente feita com frutos secos que, depois de pisados num almofariz eram mergulhados em mel a ferver. Desta receita terá derivado uma menos dispendiosa, substituindo-se os frutos secos por farinha de trigo. A receita atual é atribuída ao Real Convento das Servas de Borba, embora seja uma receita muito divulgada em todo o Alentejo. Na confeção surge descrito como um doce de

massa frita que pode fabricar-se com ovos, azeite, farinha (quanto basta para tender), sal, casca de limão e mel. Depois da massa amassada, estende-se em rolinhos delgados, corta-se aos bocados, fritam-se e envolvem-se em mel. Serve-se sobre folhas de laranjeira.

Tradicionalmente é preparado por alturas dos festejos de S. João e nas outras regiões alentejanas é um doce de referência no Natal e Carnaval.

**Agora mais do que nunca,
apoie os nossos agricultores,
produtores e comerciantes locais!**

**Compre Local,
Mais perto, mais certo!**



Comprar Local

Na sua lista de compras prefira alimentos de época e, sempre que possível, locais e de produção biológica

Julho, Agosto e Setembro

Da Horta

abóbora, alface, beldroegas, beringela, cebola, cenoura, chicória, curgete, feijão-verde, milho, pepino, pimento e tomate.

Do Pomar

Ameixa, amêndoa, amora, framboesa, figo, melão, melancia, mirtilo, morango, pêssego. Para agosto temos já a uva e para finais de setembro a romã e o marmelo.

Do Campo

Figo-da-índia. Para agosto e setembro após a abertura da época venatória temos caça menor (rola-comum, pombo-bravo).

Mercado de Produtores Locais

Sábados das 9h às 13h

Largo Vasco da Gama em Mértola



Na mesa

Feijão verde guisado

Azeite
cebola
alho
pimenta
tomate
sal
chouriça
vinho branco
água
feijão verde
ovos

Modo de Preparação:

Faz-se um refogado com a cebola e o alho (que deve entrar um pouco depois da cebola para não queimar), adiciona-se um pouco de sal e a chouriça cortada em pedaços. Pelam-se os tomates, picam-se em bocadinhos e junta-se ao refogado. Pode-se adicionar uma pitada de pimenta. Junta-se ao preparado um pouco de vinho e um pouco de água e deixa-se ferver bem.

Depois do feijão-verde bem arranjado, sem linhas e bem escolhido, cortam-se as vagens de forma enfiada e coloca-se na panela adicionando um pouco de polpa de tomate.

Quando o feijão estiver cozido juntam-se os ovos abertos e deixam-se escalfar com a panela fechada.

Vá para fora cá dentro



Por este rio acima

Por estes dias de estio, a melhor opção é ficar perto da fresquidão da água e seguir o curso do rio. A viagem inicia-se na aldeia ribeirinha do Pomarão, antigo porto fluvial, responsável pelo escoamento de toneladas de minério extraído da mina de S. Domingos, e prossegue a contracorrente.

Subindo o rio a ritmo lento, as margens revelam antigas várzeas de cultivo e encostas íngremes cobertas de matos. Na Penha d'Águia, primeira paragem, há sabores do rio colhidos das redes de quem faz do rio o seu ganha-pão. A merecida pausa comensal convida à contemplação da arriaba em frente e, com alguma sorte, é bem provável que se aviste uma tal águia voando em círculo.

A jornada rio acima continua para mais à frente se vislumbrar ao virar da curva do rio a imponente Mértola, assente num maciço rochoso, altiva e ávida de impressionar quem a visita. O vai e vem das marés deste grande rio do sul acolheu, em tempos já há muito idos, grandes rotas comerciais provindas do mediterrâneo. Hoje o movimento é outro, mais prazeroso. Os barcos passeiam-se e as gentes, longe do labor desses tempos, contemplam em ócio consentido a beleza do lugar.

Acima de Mértola, o rio é atravessado pela sua primeira "muralla". Um conjunto de azenhas (antigos moinhos laboriosos de cereal) interrompe o curso da água de continuar e a navegação exige esforço e engenho. Nas azenhas é quase impossível resistir ao impulso de mergulhar nas águas frescas e límpidas. Apesar da envolvente aprazível é preciso acautelar que o rio é intempestivo: há correntes e fundões e rochas escorregadias.

A partir daqui, o rio vai lentamente estreitando e as margens vão ficando ladeadas de altas escarpas rochosas. Depois do Carvoeiro (pequena ilhota no meio do rio) e da rocha da Galé o rio revela os Canais. Em tempos idos, neste ponto, era aqui utilizado o caneiro – arte de pesca artesanal – para captura de peixe. A armadilha era feita de canas e paus de loendro junto à represa de água do moinho que aí existia. O engenho foi desmantelado na década de 90 do século XX. Hoje, no local, restam apenas as ruínas do velho moinho e a memória dos pescadores saudosos dos tempos em que o rio providenciava melhor sustento.

A partir deste local, rio abaixo muitos se aprazem em tranquilas descidas de canoas feitas à plena luz do dia ou, para os mais intrépidos, feitas à plena luz do luar. É só procurar quem tenha as benditas canoas e não falta, por cá, quem organize tais excursões.

Acima dos Canais o rio estreita mais e as águas descem no seu curso mais selvagem por um canal rochoso que se chama de Corredoura. Este é o refúgio de espécies emblemáticas do Parque Natural Vale do Guadiana como a águia-real, a cegonha-preta ou o bufo-real. Enquanto santuário de vida selvagem este curso do rio é de acesso muito restrito. Aconselha-se, portanto um percurso por terra para chegar ao Pulo do Lobo, coração do Parque Natural onde o rio se precipita numa queda de água de quase 20 metros de rocha maciça rendilhada pelo turbilhão das águas e seixos.

Para fora de Mértola, até ao Alqueva o rio continua em contracorrente, no serpentear da paisagem, até à grande barragem que o transfigura. Fica grande, imponente massa de água, disseminada na paisagem dourada e árida. Mas já não é rio é lago e um lago não é um rio.

Toda a oferta turística de Mértola em www.visitmertola.pt

propriedade

Câmara Municipal de Mértola

edição

Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude

tiragem

700 exemplares

periodicidade

trimestral
distribuição gratuita

Se desejar enviar alguma informação para eventual inserção na próxima edição da Agenda Cultural de outubro, novembro e dezembro de 2020 pode fazê-lo até dia 07 de setembro de 2020, através do Fax: 286 610 101, e-mail: geral@cm-mertola.pt ou por carta para Câmara Municipal de Mértola, Divisão de Cultura e Património, Desporto e Juventude, Praça Luís de Camões, 7750 -329 Mértola.

Versão digital em:
www.cm-mertola.pt



MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

